

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

WENDELL GONZAGA DA PAIXÃO

**CRÍTICA AGOSTINIANA AO CÉTICISMO NO DIÁLOGO *CONTRA ACADÊMICOS***

São Paulo  
2022

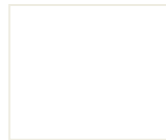
CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

WENDELL GONZAGA DA PAIXÃO

**CRÍTICA AGOSTINIANA AO CÉTICISMO NO DIÁLOGO *CONTRA ACADÊMICOS***

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor: Filipe Fontes.

São Paulo  
2022



Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P142c

Paixao, Wendell Gonzaga Da.

Crítica agostiniana ao ceticismo no diálogo contra acadêmicos: [recurso eletrônico] / Wendell Gonzaga da Paixao.

593 KB;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Filipe Fontes.

Referências Bibliográficas: f. 60-63.

1. Conhecimento. 2. Agostinho. 3. Ceticismo. 4. Apologética. I. Fontes, Filipe, *orientador(a)*. II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779



WENDELL GONZAGA DA PAIXÃO

**CRÍTICA AGOSTINIANA AO CETICISMO NO DIÁLOGO *CONTRA ACADÊMICOS***

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, (MDiv)* na área de Estudos s Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Filipe Fontes.

Aprovação: 08 / 11 /2022

Orientador: Professor: Dr. Filipe Fontes

Autor: **Wendell Gonzaga da Paixão**

Programa: Estudos Históricos –Teológicos.

Título do Trabalho: Crítica agostiniana ao ceticismo no diálogo *contra acadêmicos*.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades

Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

## **DEDICATÓRIA**

Aos amados professores do Centro de Pós Graduação Andrew Jumper que, ao longo dos três anos do curso, sempre foram, para mim, muito mais que mestres, foram acima de tudo homens comprometidos com a Palavra de Deus.

Ao meu filho que tem sido para mim um exemplo de paciência ante as dificuldades.

A minha família, pelo apoio.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Deus triúno, amoroso e pessoal, por ter-me proporcionado tamanha benção que foi estudar no CPAJ.

Ao meu filho, pela paciência e compreensão durante os anos de caminhada cristã e principalmente no período em que estava escrevendo a dissertação. Obrigado por sua ajuda e orações nos momentos de dificuldade e de desânimo; elas foram imprescindíveis.

Ao meu pai, Nicodemos Gonzaga da Paixão, exemplo de um homem trabalhador, que já descansa de suas obras.

À minha mãe, Sonia, por seus conselhos, orações e seus cuidados incansáveis enquanto estava viva, tanto por mim, como para o meu filho, seu neto querido.

Aos meus irmãos Luciana Gonzaga, Natali Gonzaga, Elvis Gonzaga, Nicodemos Gonzaga e Etcheverry Gonzaga, que de alguma forma sempre me ajudaram.

À Igreja Presbiteriana do Engenho do Meio, igreja na qual tenho a alegria e honra em pastoreá-la.

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana do Engenho do Meio. É uma honra e satisfação caminhar juntos essa a carreira cristã.

Ao Dr. Gerson Francisco Arruda Júnior, amigo e irmão, por suas sugestões bibliográficas, bem como em ceder vários livros de sua biblioteca. É uma honra poder aprender com você.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rev. Filipe Fontes, com gratidão e admiração, obrigado por ter aceitado o desafio em ser meu orientado. Sua gentileza e orientações foram imprescindíveis para não só o desenvolvimento, mas, sobretudo, o aperfeiçoamento desse trabalho. Suas críticas me ajudaram a aperfeiçoar o rigor acadêmico.

## HOMENAGEM

Gostaríamos de citar as muitas pessoas que deveriam ser homenageadas nesse momento; porém, dentre as tantas, alguns nomes merecem ser destacados. A primeira é a ARCAP (Associação Reformada de Ação e Cultura), que é composta pelos seguintes irmãos e amigos: Ronaldo Barboza de Vasconcelos, José Matheus de Andrade Medeiros, Rodrigo Buarque Wanderley dos Anjos e Danyllo Gomes Figueredo de Andrade. Fazer parte dessa diretoria é para mim algo fascinante. Não poderia deixar de fora o fundador e o articulador da ARCAP, Vinícius Silva Pimentel. Vocês modelaram e refinaram muito daquilo que penso hoje sobre diversas questões culturais.

Ao meu irmão Elvis Gonzaga da Paixão. Você sempre foi e será importante para mim. Deus te abençoe! Meu irmão, você é, para mim, um exemplo de uma pessoa que confia na soberania de Deus.

Ao Dr. Prof. Gerson Arruda. Você tem sido para mim um exemplo de um erudito cristão comprometido com o evangelho. Obrigado por sua amizade!



## **EPÍGRAFE**

*“Si enim fallor, Sum”* (Se me engano, existo). Agostinho.

## RESUMO

Esse trabalho abordará acerca da crítica de Agostinho contra o ceticismo acadêmico. Acreditamos que este trabalho se justifica por basicamente três principais motivos. *Primeiramente*, pelo tema nele apresentado e discutido, até hoje, não só é relevante, mas também se constitui um dos grandes desafios à fé cristã na contemporaneidade. O filósofo cristão reformado tem uma epistemologia bíblicamente orientada no tocante à possibilidade de conhecimento. Não afirmamos simplesmente que o conhecimento seja possível, mas que ele é certo e suficiente, pois Deus se revelou e garante a veracidade e a certeza desse conhecimento. *Em segundo lugar*, esta pesquisa se justifica pelo referencial teórico escolhido, a saber, a obra *Contra Acadêmicos*, escrita por Agostinho. É indiscutível a grande relevância que o pensamento Agostiniano tem tanto para a Tradição Cristã, como um todo, como para a tradição Reformada, de um modo particular, no que toca às suas formulações teológicas como sua importância em assuntos filosóficos. *Em terceiro lugar*, o trabalho se justifica porque, nas leituras que fizemos sobre o tema ceticismo e as várias respostas apresentadas, podemos constatar poucas literaturas que tratem especificamente do ceticismo enfrentado por Agostinho e do modo como poderemos nos utilizar dos argumentos apresentados por ele para fundamentar uma resposta apologética genuinamente cristã contra o ceticismo contemporâneo. A tese é que Agostinho percebeu que o impacto dos postulados céticos era bastante arguto. E isso fez com que o seu primeiro livro após sua conversão tenha sido uma resposta ao ceticismo acadêmico. Pretendemos demonstrar isso. Nossa conclusão é que ele obteve sucesso na sua elaboração argumentativa contra os Novos Acadêmicos.

**PALAVRAS – CHAVE:** Conhecimento, Agostinho, Ceticismo, Apologética.

## ABSTRACT

This paper will deal with the Augustine's critique against the academic skepticism. We believe this is a justifiable work basically for three main reasons. *Firstly*, the thesis it presents is not only relevant, but it is discussed even today, and constitutes also one of the greatest challenges for the contemporaneous Christian faith. The Christian philosopher espouses a biblically-oriented epistemology as to the possibility of knowledge. We do not simply claim that the knowledge is possible, but that it is sure and sufficient, since God has revealed himself and attests the trueness and certainty of such knowledge. *Secondly*, this investigation is justified by the theological reference of choice, namely, the work *Against the Academics*, written by Augustine. It is not disputable the great relevance that the Augustinian thought has both for the Christian Tradition, as a whole, and for the Reformed tradition, in a particular way, as to its theological formulations and its importance in philosophical matters. *Thirdly*, this work is justified because, in the readings we have done on the subject of skepticism and in the various responses presented we have found few literature dealing specifically with the skepticism faced by Augustine and the way we can use the arguments presented by him to base a genuinely Christian apologetic response against the contemporary skepticism. The thesis is that Augustine realized that the impact of skeptical postulates was quite shrewd, and that is why his first book after his conversion is a response to the academic skepticism. That is what we intend demonstrate. We have concluded that he was successful in his argumentative elaboration against the New Academics.

**KEY-WORDS:** Knowledge, Augustine, Skepticism, Apologetics.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A TRADIÇÃO CÉTICA DA ACADEMIA</b> .....	15
2.1 PANORAMA HISTÓRICO .....	15
2.2 O SURGIMENTO DA ACADEMIA.....	19
2.3 A ACADEMIA MÉDIA.....	20
2.3.1 Arcesilau .....	24
2.3.2 carnéades .....	27
<b>3 ESTRUTURA LITERÁRIA DO CONTRA ACADÊMICOS</b> .....	29
3.1 ESBOÇO BIOGRÁFICO .....	29
3.2 O CÉTICISMO NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO .....	33
3.3 ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO .....	39
3.4 ASPECTOS CENTRAIS DA ESTRUTURA DOS LIVROS I,II, E III DO CONTRA ACADÊMICOS.....	41
<b>4 ARGUMENTOS CENTRAIS DE AGOSTINHO CONTRA O CÉTICISMO ACADÊMICO</b> .....	46
4.1 O PROBLEMA DA INAÇÃO .....	46
4.2 ACERCA DA IMPOSSIBILIDADE DA EPISTEME .....	49
4.3 O ARGUMENTO DA FELICIDADE .....	54
<b>CONCLUSÃO</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho abordará acerca da crítica de Agostinho contra o ceticismo acadêmico. Acreditamos que este trabalho se justifica por basicamente três principais motivos. *Primeiramente*, pelo tema nele apresentado e discutido, até hoje, não só é relevante, mas também se constitui um dos grandes desafios à fé cristã na contemporaneidade.

O ceticismo é um subtema da epistemologia. Ele diz respeito ao tema da possibilidade do conhecimento. Estudar o ceticismo é importante, pois, muitas e diferentes são as escolas que propuseram uma gama variada de critérios que validassem o conhecimento. Para os empiristas, o critério era os sentidos; para os racionalistas, aquilo que é evidente para o intelecto; e assim por diante. Mas, para qualquer filósofo cristão reformado, uma epistemologia bíblicamente orientada no tocante a possibilidade de conhecimento, não afirmamos simplesmente que o conhecimento seja possível, mas que ele é certo e suficiente, pois Deus se revelou e garante a veracidade e a certeza desse conhecimento. Desse ponto de vista, a natureza do critério de verdade é constituída de três: o critério – Palavra de Deus (normativo), objeto – a Revelação Geral (situacional) e o sujeito – e o testemunho interno do Espírito Santo (existencial). Trataremos disso num dos capítulos deste trabalho.

*Em segundo lugar*, esta pesquisa se justifica pelo referencial teórico escolhido. Trata-se da obra *Contra Acadêmicos*, escrita por Agostinho. É indiscutível a grande relevância que o pensamento Agostiniano<sup>1</sup> tem tanto para a Tradição Cristã, como um todo, como para a Tradição Reformada, de um modo particular, no que toca às suas formulações teológicas como sua importância em assuntos filosóficos.

*Em terceiro lugar*, o trabalho se justifica porque, nas leituras que fizemos sobre o tema ceticismo e as várias respostas apresentadas, podemos constatar poucas literaturas que tratem especificamente do ceticismo enfrentado por Agostinho e do modo como poderemos nos utilizar dos argumentos apresentados por ele para fundamentar uma resposta apologética genuinamente cristã contra o ceticismo contemporâneo.

Acreditamos que este trabalho seja relevante, pois, o ceticismo ainda persiste com veemência. Na modernidade, temos o filósofo escocês David Hume que adotou o ceticismo. Suas críticas foram tão contundentes que levou Immanuel Kant, a fazer a seguinte declaração: “Confesso francamente: foi à advertência de David Hume que, há muitos anos, interrompeu o

---

<sup>1</sup> Polanyi afirma: “Santo Agostinho pôs fim ao milênio da filosofia grega. Seguiu-se o longo período de mando da ideologia cristã e da igreja de Roma”. POLANYI, Michael. **A Lógica da Liberdade**. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Topbooks. 2003. p. 155.

meu sono dogmático e deu às minhas investigações no campo da filosofia especulativa uma orientação inteiramente diversa”<sup>2</sup>.

Na Filosofia contemporânea, temos o filósofo Wittgenstein que tratou com o problema cético. Na primeira fase de sua obra, ele declara que o ceticismo não é irrefutável, porém, “manifestamente um contra-senso, se pretende duvidar onde não se pode perguntar. Pois só pode existir dúvida onde exista um pergunta; uma pergunta, só onde exista uma resposta; e esta, só onde possa ser dito”<sup>3</sup>. Pinto esclarece esse aforismo dizendo que:

Ao levantar dúvidas, o ceticismo estabelece a indecibilidade das questões metafísicas. O corolário disso é apresentar-se como posição irrefutável na filosofia tradicional. De acordo com a concepção tractatiana, contudo, ao opor uma proposição metafísica a outra, o cético está implicitamente aceitando a questão metafísica que originou a oposição que ele estabeleceu. A crítica da linguagem mostra que só podemos levantar dúvidas onde questões autênticas possam ser formuladas; questões autênticas só podem ser feitas quando respostas adequadas possam ser dadas; respostas adequadas só podem ser formuladas quando algo possa ser dito. Ora, a metafísica é inexprimível e não pode ser dita; portanto, nem respostas nem questões metafísicas podem ser formuladas. Assim, ao aceitar que a questão metafísica possa ser expressa pela linguagem, o cético tenta dizer o que não pode ser dito e automaticamente ingressa no domínio do contra-senso<sup>4</sup>.

Olhando por esse prisma, pode-se dizer que os céticos padecem daquilo que chamamos de erro de categoria. Ou seja, quando eu pergunto: “qual o cheiro da cor rosa?” A resposta a essa pergunta é um contrassenso, pois, cheiro é uma qualidade diferente de cor. Na lógica essa falácia é conhecida como ‘questão complexa’. Mas, o que importa para nós é percebemos que devemos também que enfrentar os questionamentos céticos.

Embora haja certa descontinuidade do ceticismo contemporâneo do ceticismo da época de Agostinho, ou seja, o ceticismo atual tem certas peculiaridades que não se encontram no ceticismo antigo. Isso é plenamente normal, dado que a filosofia sempre vai refinando os argumentos através do desenvolvimento do tema e os filósofos podem se debruçarem com mais clareza dado ao acúmulo de informações sobre esses temas anteriores as da sua época.

Todavia, o ceticismo antigo, o da época de Agostinho, o moderno e o contemporâneo têm um núcleo comum: duvidar das certezas dos dogmáticos. Assim sendo, o ceticismo está

<sup>2</sup> KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1998, A 13.

<sup>3</sup> WITTGENSTEIN. Ludwig. **Tractatus Lógico-philosophicus**. 3. ed. Trad., apres., e ensaio introd, de Luiz Henrique Lopes dos Santos; e introd. de Bertrand Russell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, TLP 6.51

<sup>4</sup> PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: Análise do Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998, p. 248-249.

mais para um procedimento ou um método filosófico do que propriamente um tipo de saber filosófico ou uma escola filosófica. Por isso, será mais recomendável estendermos o ceticismo como um desafio filosófico.

Ceticismo, portanto, é um tipo bem particular do fazer filosófico. Smith está correto ao dizer que o ceticismo “é um tipo particular de filosofia, pois não é constituído de teses sobre as coisas, nem pretende ser um conhecimento. A característica principal do cético é manter uma atitude crítica diante da pressão dogmática de ter descoberto a verdade”<sup>5</sup>.

Acreditamos que aqui surge o problema tanto para o filósofo cristão como para o teólogo cristão. Pois, a Bíblia não só diz que o conhecimento verdadeiro é possível, mas certo, como também diz onde o encontramos. “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida” (Jo 14. 6). João nos diz assim que a verdade é uma pessoa. Mas também nos diz que a verdade é um conjunto de proposições “santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17).

Por isso, urge apresentarmos resposta ao ceticismo e nada melhor do que oferecermos uma apresentação das formulações de Agostinho contra o ceticismo. É o que pretendemos ao escrever este trabalho.

No capítulo um pretendemos apresentar o panorama histórico do ceticismo, nos concentrando na Nova Academia. Já o segundo capítulo iremos apresentar a estrutura literária do livro *Contra Acadêmicos*. Pretendemos ainda nesse capítulo apresentar a biografia de Agostinho e dando continuidade, apresentaremos a discussão se Agostinho foi ou não um cético. Logo em seguida, o aspecto bibliográfico será abordado e finalizaremos o capítulo dois apresentando os aspectos centrais dos livros I, II e III do *Contra Acadêmicos*. O terceiro e último capítulo apresentaremos o que denominamos de argumentos centrais de Agostinho contra o ceticismo acadêmico.

---

<sup>5</sup> SMITH. Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (passo a passo). p. 8.

## 2 TRADIÇÃO CÉTICA DA ACADEMIA

### 2.1 PANORAMA HISTÓRICO

Este capítulo tem por finalidade pontuar quatro fases históricas do ceticismo. Não será nosso objetivo abordar de maneira pormenorizada cada fase, pois isso fugiria do propósito deste trabalho. Não obstante, iremos falar de maneira breve a clássica divisão dos momentos céticos, adentrando de maneira mais específica na fase do ceticismo acadêmico. Portanto, embora, venhamos a falar sobre as escolas céticas que antecederam e sucederam a Academia Média, nosso trabalho irá fazer um recorte histórico e nos concentrarmos especificamente no ceticismo acadêmico. Assim, iremos concentrar nossa análise e esforços na Academia Média, pois, será essa fase que sofrerá as críticas de Agostinho.

Cabe-nos então a seguinte pergunta: O que levou o surgimento do ceticismo? Sabemos que a filosofia surgiu nas colônias gregas do Mar Egeu e que as condições para o seu surgimento foram várias: (1) as viagens marítimas, as quais abriram a possibilidade de contato dos gregos com outras culturas; (2) a descoberta da moeda, possibilitando a elevação do pensamento lógico, pois, antes acontecia troca de mercadorias, esse tipo de empreendimento humano é caracterizado pelo pensamento lógico-concreto, o empreendimento com o uso da moeda é caracterizado pelo pensamento lógico-abstrato; (3) a invenção do calendário, os gregos passam a perceber que tudo se encontra resposta no homem, tudo tem uma explicação racional. Mas, o que mais contribuiu, acreditamos que tenha sido (4) a atitude de espanto. Podemos dizer que a filosofia é filha do espanto. Platão, no seu livro Teeteto diz, “visto que esse sentimento de perplexidade<sup>1</sup> revela que és um filósofo, já que para a filosofia só existe um começo: a perplexidade”<sup>2</sup>. A admiração é a verdadeira qualidade distintiva do filósofo.

Aristóteles estabelece que “é por força de seu maravilhamento que os seres humanos começam agora a filosofar e, originalmente, começaram a filosofar; maravilhando-se primeiramente ante perplexidades óbvias”, para, logo em seguida, de maneira gradativa, levantar “questões também acerca das grandes matérias.” E, ele prossegue e cita os seguintes exemplos como “problemas maiores”: “a respeito das mutações da lua, e do sol, a respeito dos astros e a respeito da origem do universo”<sup>3</sup>. Foi a admiração por esses problemas tanto óbvios

---

<sup>1</sup> θαυμάζειν (thaumazein).

<sup>2</sup> TEETETO, 155.d. In. PLATÃO. **Diálogos I**: Teeteto (ou do conhecimento, Sofistas (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2007, p. 63.

<sup>3</sup> Metafísica, livro I, 2, 982b 10. In. ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2 ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO. 2012. p. 45.



como os mais complexos que impulsionou o surgimento da filosofia. Dessa forma, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não há outra causa mais fundamental. Logo, é o espanto a “mãe” da filosofia. Tendo estabelecido em linhas gerais o surgimento da filosofia, pretendemos, agora, apresentar o surgimento do ceticismo.

Acredita-se que o surgimento do ceticismo encontra-se pelo menos em três causas: *intelectual*, *exterior* e *política*. Para efeito de nosso trabalho, iremos apenas abordar a primeira e a segunda causas. Quanto à primeira, é sabido que logo no início do surgimento da filosofia, com os pré-socráticos já havia uma diversidade de escolas, sendo que todas elas tinham uma explicação sobre a substância principal (*arkhé*) a partir da qual tudo se originou. Para Tales, que era da escola jônica, essa substância era a água. Para Anaximandro, que, embora fosse da mesma escola, divergiu de Tales e afirmou que a substância principal a partir da qual tudo se originou era o *apeiron* (o ilimitado ou o indeterminado). Anaxímenes, discípulo de Anaximandro adotou por sua vez o ar como o *arkhé*. A Escola Italiana – que se caracteriza por uma visão de mundo mais abstrata, menos voltada para uma explicação naturalista da realidade, diverge da escola jônica, bem como há divergências entre os seus próprios expoentes. Por exemplo, Heráclito viu o fogo como o elemento básico das coisas, pois estas estão sempre fluindo. Empédocles identificou quatro elementos básicos: Terra, ar, fogo e água.

E, por que não falarmos do sistema filosófico de Platão e de Aristóteles, que embora fossem dogmáticos, têm filosofias tão divergentes. O primeiro é “racionalista” e o segundo é “empirista.” Poderíamos apresentar as outras escolas pré-socráticas, mas as que foram apresentadas já são suficientes para notarmos uma grande diversidade nos seus sistemas.

Dessa forma, essas diversidades dos sistemas, bem como suas contradições internas, fomentaram o surgimento do ceticismo. Brochard atesta que essa causa intelectual que abarca a diversidade e oposição dos sistemas como fomentadora do ceticismo nos informando que entre as “causas que provocaram o aparecimento do ceticismo deve-se certamente assinalar, em primeiro lugar, a diversidade e a oposição dos sistemas aos quais os filósofos anteriores [pré-socráticos, Platão, Aristóteles] se haviam detido”<sup>4</sup>.

A segunda causa é *exterior*. Pirro que acompanhou Alexandre, o grande, em sua empreitada de conquistas dos povos, não deixou de ficar perplexo quando passou por uma gama de povos, culturas e religiões tão diferentes. Isso provocou dúvidas, embora, a dúvida

---

<sup>4</sup> BROCHARD, Victor. Os **céticos gregos**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009. p. 56.

mesma não seja o ceticismo<sup>5</sup>. De modo semelhante, aconteceu com Descartes que, após ter viajado pelo mundo, afirma que “e assim, pouco a pouco, livre-me de muitos erros que podem ofuscar nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão”<sup>6</sup>. Brochard diz que “frequentemente se observou, não há nada como o contato com os povos estrangeiros para inspirar às almas mais aguerridas dúvidas sobre suas crenças, mesmo sobre as mais arraigadas”<sup>7</sup>.

O ceticismo, portanto, surge com Pirro. Pois, “caso se tome a palavra *ceticismo* em seu sentido preciso e histórico, não houve ceticismo antes de Pirro; o pirronismo é realmente uma teoria original”<sup>8</sup>. Podemos ainda, para efeito didático apresentar, seguindo a linha dos estudiosos acerca do ceticismo, que o ceticismo se divide em quatro fases, as quais passaremos descrevê-las a partir de agora.

A primeira fase recebe o nome de ceticismo antigo e teve seu desenvolvimento situado entre os séculos IV e III. a.C. Os principais nomes dessa fase são Pirro de Ellís e Timão, discípulo de Pirro. Acredita-se que nessa primeira fase, o ceticismo praticou a sua forma mais radical, todavia será arrefecida na fase seguinte.

A segunda fase do ceticismo recebe o nome de acadêmico e teve seu desenvolvimento situado entre os séculos III e II. a.C. Tal designação deve-se à sua origem e desenvolvimento na Academia do filósofo Platão, após sua morte, no ano de 347 a.C. Os principais nomes dessa fase do ceticismo foram Arcesilau<sup>9</sup> e Carnéades.

Quanto ao primeiro, Laêrtios afirma que com [Arcesílaos] inicia a Academia Média; foi ele também o primeiro a fazer uso da *epokhé* (ἐποχήν)<sup>10</sup>. Burnyeat também compartilha da mesma opinião que Laêrtios, ao nos dizer que foi Arcesilau que na “Academia pela primeira vez fez urgir a *epoché* sobre todas as coisas”<sup>11</sup>. Daqui urge apresentarmos uma definição do termo *epokhé*. O termo *epokhé* significa suspender o juízo por motivo das contradições existentes nos argumentos contrários. Portanto, podemos afirmar também, em outras palavras,

<sup>5</sup> Para Brochard, 2009. p. 20. O cético “é aquele que de propósito deliberado e por razões gerais duvida de tudo, exceto dos fenômenos, e se contenta com a dúvida”.

<sup>6</sup> DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XV, 1973. p. 41

<sup>7</sup> BROCHARD, *op.cit.*, p. 57.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 47.

<sup>9</sup> Para efeitos elucidativos o nome de Arcesilau (usado por Bolzani) poderá aparecer neste trabalho como Arcesílaos (usado por Laêrtios), Arcésilas (usado por Brochard). Contudo, se refere à mesma pessoa. Padronizaremos o uso “Arcesilau”.

<sup>10</sup> Cf. Vidas, IV, 6.28. In: LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. ed. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 2008. p. 118.

<sup>11</sup> BURNYEAT, Myles. Pode o cético viver seu ceticismo? **Trilhas Filosóficas**, Rio Grande do Norte, Ano II – n. 2 - jul/dez. p. 124, 2009. Fonte: [https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N\\_04/II\\_2\\_trad\\_Brito.pdf](https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_04/II_2_trad_Brito.pdf). Acesso em: 04/08/2022.

que *epokhé* representa a suspensão do juízo, que é o estado mental por meio do qual o cético nem afirma e nem nega um fato, mas prossegue na busca do conhecimento.

Essa fase se encontra ainda o Carnéades, sendo que este utilizou o termo *Pithanon* (πιθανόν), como uma resolução à questão do problema das representações, pois, elas se apresentam em dado momento como verdadeiras e em outro, falsas.

Esse termo goza de muita importância no pensamento de Carnéades, por isso, torna-se necessário ainda debruçarmos um pouco mais no termo *Pithanon* (πιθανόν). Primeiramente, devemos entender que ele tem um significado bem próximo do termo “verossímil” ou ainda o termo “provável”. E em segundo lugar, *Pithanon* (πιθανόν) traz em seu bojo a assertiva que ele nos leva ao assentimento das coisas. Cabe ainda dizer que esta fase será o alvo da crítica de Agostinho, principalmente no livro *Contra Acadêmicos*. Portanto, será esta fase que nos debruçaremos de maneira mais pormenorizada em breve.

A terceira fase do ceticismo tinha como *telos* travar uma batalha contra o dogmatismo do pensamento de Platão. Os principais nomes dessa fase do ceticismo foram Enedesimo e Agripa e teve seu desenvolvimento situado entre os séculos II e I a.C. Enedesimo é tido por muitos estudiosos do ceticismo como um dos mais robustos nomes do ceticismo grego.

Finalmente, chegamos à quarta e última fase do ceticismo, que recebe o nome de ceticismo empírico e que coube aos médicos empiristas, a saber: Sexto, Menodoto e Teoda, a condução dessa nova fase, cujo desenvolvimento se deu no século III. d.C. É salutar saber que esta fase se divide em dois momentos ou duas partes diferentes. Brochard assevera que: “há boas razões para distinguir duas partes em sua doutrina (a dos médicos céticos): uma negativa ou destrutiva, outra positiva ou construtiva”<sup>12</sup>.

Finalizando esse panorama, podemos dizer que a primeira, a terceira e a última fase estão associadas à tradição pirrônica<sup>13</sup>. Todavia, a segunda fase estava associada à tradição acadêmica. É essa que, como já dissemos, será alvo das críticas agostinianas. Por esse motivo, se faz necessário uma apresentação dessa fase de maneira mais aprofundada, elencando os diversos momentos da Academia.

---

<sup>12</sup> BROCHARD, 2009. p. 314.

<sup>13</sup> Quem quiser saber mais sobre esse momento veja as seguintes obras: BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2001. Ver também BROCHAD, 2009.

## 2.2 O SURGIMENTO DA ACADEMIA

Podemos dizer que a história da Academia inicia-se com o filósofo Platão, o qual fundou a Academia “em um ginásio situado no parque dedicado ao herói Academos”<sup>14</sup> de onde se originou o nome Academia. Nela, não só ensinava filosofia, mais outros saberes como geometria, matemática, música e etc.

Após a morte de Platão, a qual se deu no ano de 347 a.C, o seu sobrinho Espêusipo foi o sucessor imediato na Academia, tendo-a dirigido dos anos 347 a.C até o ano de 338 a.C. Os escolarcas seguintes que foram os dirigentes responsáveis pela condução da Academia foram: Xenócrates (338-314 a.C.), Polêmon (314-269 a.C.), Crátes (269-264 a.C.) e Crântor.

Esses três últimos protagonizaram mudanças bem significativas na Academia, tornando-a quase que irreconhecível, pois, haviam negligenciado ainda que de maneira não tão radical a metafísica e se preocuparam acima de tudo com questões acerca da moral.

Embora houvesse essas mudanças, eles se esforçavam para fazer da filosofia de Platão um conjunto bem articulado de doutrinas filosóficas, tornando-a assim adequada para o ensino. Brochard confirma isso, ao dizer que: “característica comum a todos esses filósofos [Pólemon, Crates, Crantror e Xenocócrates] é que eles se esforçavam para fazer do platonismo um corpo doutrínario, para torná-lo apropriado ao ensino”. Não havia necessidade de se fazer investigações sobre a verdade, ela já tinha sido descoberta, “não mais se discutia [sobre a verdade], comentava-se”<sup>15</sup> [acerca dela].

Todavia, atribui-se que foi somente com Arcesilau que a semente do ceticismo parece ter se fincado na Academia. Sobre essa mudança de perspectiva acerca da descoberta da verdade, Brochard diz que na nova Academia (termo que ele usa para se referir a Academia Média<sup>16</sup>) mudou tudo isso, pois,

Declarou que era necessário pôr-se de novo em busca da verdade, pois não era certo que ela havia sido encontrada: acrescentou inclusive que ela jamais seria encontrada. Por conseguinte, a nova Academia voltou a prestigiar o método dialético, um pouco esquecido desde Sócrates. Ela proclama, que não sabe de nada, e acrescenta que nem mesmo isso ela sabe. Ela substituiu o dogmatismo por uma crítica livre: é nisso que foi nova. O autor inconstado dessa revolução na Academia foi Arcésilas<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> REALE, Giovanni. ANTISERE, Dario. **História da filosofia: Antigüidade e Idade Média**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002. V.1. p. 126.

<sup>15</sup> BROCHARD, 2009. p. 112, 113.

<sup>16</sup> Mondolfo ao se referir a fase em que a Academia teve como expoente Arcesilau diz as seguintes palavras: “Esta fase chama-se **nova Academia**, ou também **média** por quem chama nova à posterior à fase eclética” (grifo do autor). In: MONDOLFO, Rodolfo. **O pensamento antigo: história da filosofia grego-romana**. 2. ed. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1967. p. 131.

<sup>17</sup> BROCHARD, *op.*, *cit*, p. 113.

Dessa maneira, a Academia ia cada vez mais se distanciando do pensamento de Platão, mestre e fundador da Academia. A fase cética da Academia inicia-se assim com Arcesilau, sendo conhecida como Academia Média, tendo como os principais expoentes além de Arcesilau, Carnéades. Esses são os que irão ser criticados por Agostinho na obra *Contra Acadêmicos*, sendo inclusive bastante citados por ele nessa obra. Isso mostra a grande importância desta fase da Academia conhecida como já dissemos Academia Média.

Ao colocarmos Arcesilau e Carnéades na mesma fase, estamos cientes que isso não é unanimidade entre os estudiosos do ceticismo. Por exemplo, Marcondes não adota tal postura, embora aceite que existe na Academia uma fase que adote o ceticismo. Marcondes diz que a “fase cética da Academia de Platão, iniciada em 270 a.C. por Arcesilau e por vezes denominada Média Academia. Essa fase também vigorou na chamada Nova Academia, liderada por Carnéades e, depois Clitômaco”<sup>18</sup>.

Portanto, para Marcondes, Carnéades faz parte da Academia posterior a de Arcesilau. Não concordamos com essa distinção e, por conta disso, não a adotaremos, conforme explicaremos com mais detalhes logo abaixo. Portanto, adotaremos a perspectiva histórica que tanto Arcesilau como Carnéades fazem parte da fase conhecida como Academia Média.

Podemos, para efeitos elucidativos, padronizar os seguintes períodos na Academia do filósofo Platão: A Antiga, Média e a Nova Academia, pois existem divergências sobre quantos período há na Academia. Por exemplo, Brochard sinaliza que para os antigos existiam cinco fases da Academia. Ele afirma assim: “os antigos às vezes distinguiam até cinco Academias de Platão, a de Arcésilas, a de Carnéades e Clitômaco, a de filon e Carmídes” nem ele mesmo adota essa divisão tão extensa.

Na concepção de Brochard só existem apenas duas: “a Antiga e a Nova, a de Platão e a de Arcésilas”<sup>19</sup>. Como já dissemos outrora, iremos para efeito metodológico adotar uma tríplice divisão. Todavia, vale a seguinte ressalva que tanto a primeira como a terceira não será contemplada pelo nosso trabalho, salvo exceções. Pois, o nosso alvo será nos concentrarmos na segunda fase, a Academia Média. É o que veremos a partir de agora.

### 2.3 A ACADEMIA MÉDIA

O termo “Acadêmico” nos traz uma curiosidade, uma inquietação, pois ele não expressa com precisão o ambiente da Academia de Platão. Por isso, acreditamos que é um

<sup>18</sup> MARCONDES, Danilo. **Raízes da dúvida**: ceticismo e filosofia moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 22.

<sup>19</sup> BROCHARD, 2009, p. 112.

tanto impreciso usar o termo acadêmico como sinônimo de cético, tendo em vista que Platão não foi um cético, não nos termos que iremos tratar em nosso trabalho.

Mas, sabemos que a Academia fundada por Platão teve seu momento cético, diz Marcondes que “a academia fundada por ele [Platão] passou por uma fase dita cética sob a liderança de Arcesilau, a dita Média Academia, e, depois, de Carnéades, a Nova Academia”, Marcondes ao fazer essa distinção entre Média e Nova Academia, está ciente que essa divisão não é aceita pelos historiadores modernos<sup>20</sup>.

O que une tanto Arcesilau como Carnéades é suas objeções contundentes à ideia da escola estóica da representação apreensiva e eles negarão também que haja qualquer critério de verdade. Veremos mais sobre isso quando tratarmos desses dois acadêmicos.

Podemos começar afirmando que entre os céticos existem quem não considere esta fase da Academia Média como cética. A partir do livro *Hipotiposes pirrônicas* (H.P) ficará clara esta nossa afirmação. Bem no início do capítulo da obra citada, Livro I, capítulo I (*Sobre a principal diferença das filosofias*), 1-5, nos é dito assim:

O resultado natural de qualquer investigação [Sképsis], é aquela que investiga ou bem encontra o objeto de sua busca (zétesis), ou bem nega que seja encontrável e confessa ser ele inapreensível, ou bem, ainda persiste em sua busca. O mesmo ocorre com os objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade e outros que a verdade não pode ser apreendida, enquanto outros ainda continuam buscando-a. Aqueles que afirmam ter descoberto a verdade são os ‘dogmáticos’, e assim são chamados especialmente Aristóteles, Epicuro, os estóicos e alguns mais. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, enquanto os céticos continuam buscando-a. portanto, parece razoável (εὐλόγως) manter que há três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética<sup>21</sup>.

Neste livro, escrito por Sexto Empírico, sendo que pouco se sabe de sua vida, fica claro que ele estabelece uma diferença fundamental entre os acadêmicos e os céticos. Pois, os acadêmicos acreditavam que a verdade era inapreensível, enquanto Sexto empírico, que conforme já assinalamos encontra-se inserido dentro da tradição pirrônica, afirma que os céticos continuam em sua busca para encontrar a verdade. Pereira confirma essa assertiva, pois fica perceptível pelo texto de Sexto Empírico que, “embora não sustentassem, como os membros da Nova Academia, que a Verdade é inapreensível, os céticos opuseram sua perseverança continuada na *Sképsis*, na investigação e na pesquisa<sup>22</sup>”.

<sup>20</sup> Para mais detalhes veja: MARCONDES, 2019. p. 22.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://ufrj.academia.edu/RodrigoPintodeBrito>>. Acesso em: 12 de Nov. 2021.

<sup>22</sup> PEREIRA, Oswaldo Porchat. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Unesp, 2007. p. 15.

Todavia, através da obra *Noites Áticas* de Aulo Gélío datada do segundo século, parece à primeira vista que ele considerava que há uma semelhança entre a escola pirrônica e a Academia Média. Assim nos diz:

Velha porém é a questão, e por muitos escritores gregos tratada: se acaso alguma diferença haja, e quanto, entre os filósofos pirrônicos e os acadêmicos. Uns e outros com efeito skeptikoi, efektikoi, aporetikoi são ditos, porque uns e outros nada afirmam e pensam nada ser compreendido<sup>23</sup>.

O que Aulo Gélío escreve em seguida é uma tentativa de explicitar que essas duas escolas já citadas têm algo em comum, a saber, ambas aderem à premissa de que nada pode ser compreendido. Todavia, Pereira Júnior, através de uma demonstração lógica, estabelecerá que há uma diferença entre os acadêmicos e os pirrônicos na citação acima apresentada. Em suas palavras:

Primeiramente, vamos extrair da citação a proposição que consideramos o núcleo do argumento, que vai diferenciar os acadêmicos dos pirrônicos: “nada pode ser compreendido e nada pode ser decido” (*sic*). Agora, se dividirmos esse argumento em duas sentenças, teremos uma primeira sentença, que chamaremos de “p”, e uma segunda sentença, que chamaremos de “q”.

Dessa forma: p: nada pode ser compreendido q: nada pode ser decido  
Onde,  $p \wedge q$ : nada pode ser compreendido e nada pode ser decido.

Analisando “q”, teremos que esta só será verdadeira (V) se, e somente se, “p” for verdadeira (V), daí extrairíamos a seguinte fórmula:  $(q) = V \leftrightarrow (p) = V$  ou, dito de outro modo: para que (q) seja V, é necessário que (p) seja V. Consequentemente, a proposição conjuntiva  $(p \wedge q)$  seguirá a mesma linha de raciocínio, ou seja,  $(p \wedge q)$  só será verdadeira (V) se, e somente se, “p” for verdadeira (V). Da mesma maneira, teremos então a seguinte fórmula:  $(p \wedge q) = V \leftrightarrow (p) = V$ , da qual segue sua textualização: para que a matriz  $(p \wedge q)$  seja V, é necessário que (p) seja V.<sup>24</sup>

Assim, através desse cálculo apresentado por Pereira, fica estabelecido que há sim uma diferença entre essas escolas. Brochard estabelece ainda outro limite distintivo entre o ceticismo acadêmico do pirronismo, tradição essa que, conforme já falamos, Sexto se insere. “Talvez se devesse adotar a opinião de Cícero e dizer que, se Arcésilas não foi o primeiro a dar à doutrina da suspensão do juízo sua fórmula precisa, foi pelo menos o primeiro a justificá-la dialeticamente”, e arremata nos seguintes termos:

Além disso, os pirrônicos limitam-se a dizer que a verdade ainda não foi encontrada: eles não dizem que ela é inacessível. Não desesperam de vê-la

<sup>23</sup> *Apud*. PEREIRA JÚNIOR, Antônio. **Agostinho e o ceticismo**: Um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em *Contra Acadêmicos*. 2012. 116. f. Dissertação(mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. p. 38.

<sup>24</sup> *Ibid*, p. 38, 39.

um dia descoberta: também a buscam, são *zetéticos*<sup>25</sup>. Arcésilas crê que a verdade não apenas não foi encontrada, mas que não o pode: e a razão que ele dá é que não há representação verdadeira que seja tal que não se possa encontrar uma falsa absolutamente semelhante<sup>26</sup>.

Portanto, pelo fato de a academia negar a possibilidade de alguém sequer poder encontrar a verdade será o motivo basilar da elaboração dos argumentos agostinianos ao ceticismo. Qual seja o ponto: a de que como pode alguém se enveredar na procura da verdade, se não a pode encontrar. Agostinho irá nos apresentar no decorrer do livro II *do Contra Acadêmicos*, essa arguta crítica ao ceticismo acadêmico. Iremos apresentar essa elaboração argumentativa do bispo de Hipona não só no livro II, mas também pretendemos apresentar outros argumentos de Agostinho nos livros no I e no III no *Contra Acadêmicos*.

Tendo não só feito uma descrição, ainda que breve, da história da Academia, bem como estabelecido algumas diferenças entre o ceticismo dela com o da tradição pirrônica, iremos agora apresentar o ceticismo apropriadamente abordado e defendido por Arcesilau e Carnéades, focando-nos no aspecto epistemológico e ético. Acredita-se que aquele fundamente este<sup>27</sup>, pois se percebe esse princípio tanto nas cartas paulinas (Efésios do capítulo um até o capítulo quatro e o verso vinte e quatro temos o indicativo. Do verso vinte e cinco do capítulo quatro até o fim da dessa carta temos o imperativo. Romanos capítulos um até o capítulo doze verso oito temos o indicativo. E, daí em diante até o fim da carta temos o imperativo), bem como nos nossos símbolos de fé (da pergunta seis até a noventa temos o indicativo. Da noventa e um até a cento e noventa e seis temos o imperativo). Diferentemente do termo epistemologia e ética, os teólogos preferem os termos indicativo e imperativo.

Porém, acreditamos que haja certa circularidade entre o conhecer e obedecer. Podemos afirmar que o conhecimento a Deus gera obediência (Jo 17.26; 2Pe 1.3,5) e a obediência a Ele leva ao conhecimento (Jo 7.17; Ef 3.17-19). Frame, assentindo com isso declara que isto é “certamente verdade que, se você quiser obedecer a Deus mais completamente, terá de

<sup>25</sup> Cf. Vidas, IX, 11.70: “Chamam-se zetéticos os que buscam sempre e, sobretudo a verdade, céticos os que indagam e nunca chegam a uma conclusão”. Zetesis significa uma investigação na trilha da verdade, ou seja, um percurso em busca dela. Por isso, os céticos recebem o nome de Zetéticos são aqueles tipos de pessoas que têm disposição para investigar algo – a essa pessoa denominamos cético. In: LAËRTIOS, 2008. p. 270.

<sup>26</sup> BROCHARD., 2009. p. 111.

<sup>27</sup> Frame diz que “nos escritos de J. Gresham Machen frequentemente se vê a máxima ‘a vida é edificada sobre a doutrina’”. In. FRAME, John. **A Doutrina do Conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 59. Nas palavras do próprio Machen: “Aqui se encontra a diferença fundamental entre o liberalismo e Cristianismo – o liberalismo está, no geral, no modo imperativo, enquanto o Cristianismo começa com um indicativo triunfante.” In. MACHEN, J. Gresham. **Cristianismo e Liberalismo**. Tradução de Denise Pereira Meister. São Paulo: Os Puritanos, 2001. p. 53. Quem quiser se aprofundar no assunto leia: RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 287-291.



conhecê-lo; mas também é verdade que, se você quiser conhecer a Deus melhor, terá de procurar obedecer-lhe mais perfeitamente”<sup>28</sup>.

Dessa forma, podemos concluir a partir do exposto acima que “obediência é conhecimento, e conhecimento é obediência”.<sup>29</sup> Fica assim, estabelecido a circularidade que inicialmente afirmamos entre o conhecer e o obedecer. Logo abaixo veremos um pouco mais da vida pensamento de Arcesilau e Carneádes. Isto é imprescindível, pois, serão esses dois céticos que serão alvo da crítica de Agostinho.

### 2.3.1 Arcesilau

Os membros da Nova Academia reivindicavam que Sócrates foi um membro dela e que também eram herdeiros legítimos de Platão, querendo assim dizer que sua filosofia não era nova, mas uma continuação histórica de grande envergadura dado os seus antecessores. Contudo, acreditamos que, estritamente falando não houve ceticismo em Sócrates e nem em Platão tal qual haverá na Academia. Por isso, não será demais afirmar que só a partir de Pirro é que se dá o ceticismo. Brochard afirma que, “caso se tome a palavra *ceticismo* em seu sentido preciso e histórico, não houve ceticismo antes de Pirro”<sup>30</sup>. Smith segue essa mesma premissa e afirma que o “ceticismo é uma corrente de pensamento que remonta a Pirro”<sup>31</sup>.

Alguns estudiosos acreditam que tenha havido uma “semente de ceticismo” ou um protoceticismo em filósofos como Xenófantes, de Demócrito de Abdera, Platão e Aristóteles. “Pois, ainda que Pirro seja considerado o fundador de Ceticismo antigo, é possível apontar alguns filósofos que poderiam ser visto como precursores desse tipo de pensamento”<sup>32</sup>.

Na verdade, desde a queda, os homens se tornaram em certo sentido céticos. Mas, não céticos da forma que estamos abordando aqui nas pessoas de Arcesilau e posteriormente na de Carneádes. Ainda sobre Arcesilau, podemos dizer que ele dirigiu sua crítica de forma exclusiva ao estoicismo acerca do critério da verdade.

Arcesilau nasceu por volta de 315 a.C na cidade de Pítane, na Eólia. Foi para Atenas estudar retórica, tomando em seguida gosto pela filosofia. Morreu com setenta e cinco anos, por volta de 242 a.C. Foi o quarto escolarca da Nova Academia. Ele não escreveu nada, o que sabemos dele são de fontes como Laêrtios e de seu discípulo Lácides e sucessor na Nova

---

<sup>28</sup> FRAME, 2010. p. 59.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>30</sup> BROCHARD, 2009. p. 47.

<sup>31</sup> SMITH, 2004. p. 9.

<sup>32</sup> MARCONDES, 2019. p. 25.

Acadêmica. Foi por meio dos escritos de Lácides que se tornou conhecido o sistema filosófico de Arcesilau. Arcesilau discordava duramente dos estóicos e nunca se afadigava de travar lutas sem trégua contra Zenão de Cício, o qual foi seu antigo companheiro nas aulas de Pólemon. Marcondes nos informa que “Arcesilau se notabilizou pela disputa com os estóicos”<sup>33</sup>, e em seu sistema cético fazia uso da dialética. Inclusive, há quem defenda que o ceticismo de Arcesilau tenha sua origem na dialética socrática. Embora, como veremos foi com o seu sucessor, Carnéades, que teve destaque no uso da dialética.

Cabe aqui uma diferenciação deveras importante, pois, enquanto os sofistas se utilizavam da retórica, os acadêmicos se utilizavam da dialética, fazendo assim uma distinção muito exagerada nessas duas ciências. Berthoud concordando com nossa assertiva nos lembra que “dentre os gregos (e mesmo em Aristóteles), a distinção entre dialética e retórica é mais forte do que na Bíblia.” Não é simplesmente uma questão de distinção, “a bem da verdade, tornou-se muitas vezes uma oposição. No pensamento bíblico, entretanto, é profunda a unidade entre ‘dialética’ (busca da verdade) e a ‘retórica’ (a busca da forma para expressá-la, e posteriormente a arte da persuasão)”<sup>34</sup>. Sua discórdia com os estóicos se dava devido à pretensão deles em afirmar que na empiria poderia ser encontrado o critério de verdade. Outro aspecto importante sobre Arcesilau e que ele se distanciou de forma significativa dos pirrônicos, pois tinha convicção de que a verdade não apenas não foi encontrada, mas que não a podemos encontrá-la. Todavia, os pirrônicos limitam-se a falar que a verdade não foi encontrada, e não que ela seja inacessível.

Arcesilau elaborou duras críticas ao sistema epistemológico estóico. O critério de verdade no estoicismo também é conhecido como Definição de Zenão. Cícero o apresentou da seguinte forma “[uma representação é de tal modo verdadeira que tal [representação não possa ser falsa]”<sup>35</sup>. Uma representação compreensiva<sup>36</sup> é um ato de uma pessoa ao oferecer um assentimento aquilo que seja evidente. Agostinho, por sua vez, nos diz que a representação compreensiva é uma “representação que é impressa de tal modo na alma pelo objeto de onde

<sup>33</sup> MARCONDES, 2019, p. 25.

<sup>34</sup> Berthoud, Jean-Marc. Prefácio à edição brasileira. In: RUSHDOONY, R.J. **Rejeição à humanidade: Os efeitos do neoplatonismo no Cristianismo**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019. p. 17.

<sup>35</sup> Apud PERERIRA JUNIOR, 2012. p. 45.

<sup>36</sup> Para os estóicos “a representação veritativa não implica só um ‘sentir’, mas postula ademais um ‘assentir’, um consentir ou aprovar proveniente do logos que está em nossa alma. A impressão não depende de nós, mas da ação que os objetos exercitam sobre os nossos sentidos, mas estamos livre para tomar posição diante das impressões e representações que se formulam em nós, dando-lhe o assentimento (synkatáthesis) do nosso logos ou recusando dar-lhes o nosso assentimento. Só quando existe o assentimento é que temos a ‘apreensão’ (katálepsis). E a representação que recebeu nosso assentimento é ‘representação compreensiva ou catalética’, constituindo o único critério da verdade”. In: REALE; ANTISERE, 2002. V.1. p. 255.

se origina que não pode sê-lo por um objeto donde não se origina”<sup>37</sup>. A crítica de Arcesilau contra os estóicos era devido a eles “alegarem ter baseado sua busca da verdade em impressões mentais incapazes de engano; não existiam, ele argumentou, tais impressões”<sup>38</sup>.

Pois, segundo Laêrtios, há também representações que não são verdadeiras. Por exemplo, as ilusões provocadas pela mente de uma pessoa. Laêrtios afirma

Há duas espécies de apresentações; uma apreende imediatamente a realidade, e a outra apreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez. A primeira, que os estóicos definem como critério da realidade, é determinada pelo existente, de conformidade como próprio existente, e é impressa e estampada na alma. A outra não é determinada pelo existente, e não é, portanto, nem clara nem distinta<sup>39</sup>.

Contudo, os estóicos afirmam que há como diferenciá-las. Arcesilau questiona assim quais meios existem para diferenciar uma da outra. Para ele não há. Por conta dessa impossibilidade de indiferenciação, Arcesilau conclui assim que não há critério da verdade.

Para Arcesilau, havia confiança demais na apreensão da verdade no sistema filosófico referente à epistemologia estóica. É justamente nesse ponto onde se acontecerá o embate entre Arcesilau e o estoicismo. O critério da verdade no sistema estóico era a apreensão compreensiva. Devemos ainda entender que era uma regra que não só envolvia a epistemologia, mas também a ética. Ou seja, era uma norma que servia para decidir o que é verdadeiro do falso, o que se deve agir ou não. Para o estoicismo, a representação cataléptica era o critério da verdade. Laêrtios diz que os “estóicos definem o critério da verdade como a apresentação que apreende imediatamente a realidade”<sup>40</sup>. Dessa forma, os acadêmicos asseveravam que não podemos conhecer qualquer coisa com certeza absoluta ou irrestrita, apenas o que podemos conseguir é uma simples probabilidade

Os acadêmicos formularam uma série de dificuldades visando mostrar que os dados que obtemos através de nossos sentidos são poucos confiáveis, que não podemos ter certeza se nosso raciocínio é seguro, e que não possuímos nenhum critério ou padrão garantido para determinar quais de nossos juízos são verdadeiros e quais são falsos<sup>41</sup>.

O céptico não aceita a validade desse critério estabelecido pelos estóicos e, portanto, estabeleceu como “seu próprio critério a adesão aos fenômenos e a vida segundo os costumes,

<sup>37</sup> AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos**. 3. reimpressão. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019. p. 80.

<sup>38</sup> KENNY, Anthony. **Uma Nova História da Filosofia Ocidental**. Vol. 1. Filosofia Antiga. 2.ed. São Paulo: Loyola. 2011. p. 131.

<sup>39</sup> Cf. Vidas, VII, 1.46. LAÊRTIOS, 2008, p. 192.

<sup>40</sup> Vidas, VII, 1.54. LAÊRTIOS, 2008, p. 193.

<sup>41</sup> POPKIN, Richard H. **História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. Prefácio, p.13.

as leis e as instituições tradicionais, bem como segundo suas próprias afeições”<sup>42</sup>. E, é essa última parte “próprias afeições” que será o ponto de partida para a formulação de Arcesilau e Carnéades para responder a crítica estoíca da inação. Pois, para Arcesilau é a afeição na alma, o *páthos*, que proporciona esse movimento da alma, provocando uma inclinação para dada ação. O princípio do *eúlogon* é acessível não só aos filósofos, mas a todos e a cada um. E, ao fazê-lo, o homem demonstra que é um sábio. *Eúlogon* criado por Arcesilau é o termo que se “dá à razão que justifica uma ação sem adentrar o domínio da opinião e da precipitação, justamente por que apenas posterior à própria ação, dependente do resultado a que ela chega”<sup>43</sup>. Veremos mais sobre isso logo depois que abordarmos sobre Carnéades.

### 2.3.2 Carnéades

Nascido em 214 a.C. na cidade de Cirene. Carnéades foi escolarca na Nova Academia, de 155 a.C até sua morte em 137. a.C. Cinquenta anos após a morte de Arcesilau, Carnéades o sucedeu como o escolarca da Academia. Seguindo os passos de Arcesilau, Carnéades nada escreveu. É tido, inclusive, a nosso ver, de forma exagerada, dotado de um espírito tão poderoso que segundo Brochard, de “Aristóteles até Plotino a Grécia não teve maior”, talvez somente o estoíco e inimigo Crisipo, o qual travou batalhas com Carnéades “poderia disputar-lhe os louros, e se nos reportássemos à opinião da maioria dos antigos, é a Carnéades que eles [louros] caberiam”<sup>44</sup>.

Enquanto Arcesilau concentrou suas críticas exclusivamente contra o estoicismo, Carnéades foi mais além. Pois, dirigiu sãs críticas a todos os sistemas filosóficos antecedentes. Foi um fiel discípulo que não só deu continuidade ao pensamento de seu antecessor, mas o completou. Bolzani chega a afirmar que “a doutrina de Arcesilau foi ‘completada’ por Carnéades, que nela se manteve”<sup>45</sup>. “Carnéades destacou-se pelo uso da dialética”<sup>46</sup>, bem como pela inserção do termo “probabilismo” para solucionar os problemas filosóficos impostos pelos estoícos nas arguições que tiveram com Carnéades. Sabemos que o

<sup>42</sup> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes: São Paulo, 2003. p. 223.

<sup>43</sup> BOLZANI FILHO, 2013. p. 109.

<sup>44</sup> BROCHARD, 2009. p. 136.

<sup>45</sup> BOLZANI FILHO, *op. cit.*, p. 116.

<sup>46</sup> MARCONDES, 2019, p. 25. Segundo Rushdoony a “filosofia dialética é todo sistema de pensamento que tenta reconciliar dois conceitos fundamentalmente hostis e reter ambas essas substâncias ou mundos de distintas naturezas dentro de seu sistema. O pensamento dialético apresenta assim uma tensão entre dois membros constituintes estranhos entre si, e essa tensão finalmente se resolve por meio de uma decisão a favor de um dos elementos.” *In*: RUSHDOONY, 2019. p. 33.

termo dialética nem sempre foi usado na filosofia com o mesmo significado, porém, de maneira geral, podemos apresentar uma definição genérica, mas que engloba e resume as diversos usos do termo no percurso da história da filosofia, qual seja dialética é:

O processo em que há um adversário a ser combatido [no caso de Carnéades, o adversário a ser combatido será Crisipo, um estóico – destaque nosso] ou uma tese a ser refutada [a tese que Carnéades vai combater será a pretensão estóica da certeza da apreensão da verdade – destaque nosso]. E, que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflito ou da oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer<sup>47</sup>.

O próprio Agostinho fará uso da dialética como um recurso argumentativo. Ele diz que “resta a dialética, que o sábio certamente conhece bem. Ora ninguém pode saber o falso [portanto a dialética é verdadeira. Se o sábio não a conhece, o conhecimento da dialética não pertence á sabedoria”<sup>48</sup>. Veremos mais sobre isso no capítulo três.

Pretendemos no próximo capítulo abordar a estrutura do Livro *Contra Acadêmicos*. Mas antes veremos um pouco da trajetória de Agostinho no que tange os aspectos biográficos e se teria ele adotado ou não a filosofia cética antes de sua conversão e por fim um esboço bibliográfico.

---

<sup>47</sup> ABBAGNANO, 2003. p. 269.

<sup>48</sup> Agostinho *Contra Acadêmicos*, III, XII,29. In: AGOSTINHO, 2019. p. 129.

### 3 ESTRUTURA LITERÁRIA DO *CONTRA ACADÊMICOS*

#### 3.1 ESBOÇO BIOGRÁFICO

Este capítulo focará em apresentar alguns aspectos sobre a vida e a obra de Agostinho. No que diz respeito ao livro propriamente dito de *Contra Acadêmicos*, pretendemos apresentar dados que julgamos ser relevantes para termos uma melhor compreensão dessa obra, bem como proporcionará um caminho fértil para entendermos de maneira mais clara a propostas do capítulo seguinte.

Assuntos como os nomes dos participantes do debate e o local onde Agostinho se encontrava ao escrever o livro citado serão abordados neste capítulo. Também pretendemos ainda apresentar a estrutura do próprio livro. Acreditamos que esse procedimento nos ajudará a entender melhor o livro *Contra Acadêmicos* e servirá também como um preparo para o terceiro e último capítulo, o qual terá como objetivo tão somente apresentar alguns dos argumentos usados por Agostinho contra a Nova Academia, da qual os nomes mais proeminentes são Arcesilau e Carnéades.

Aqui, já cabe a seguinte pergunta: Será ainda relevante estudarmos sobre esse assunto? Ou seja, as respostas de Agostinho ainda são relevantes. Acreditamos que, sem sombra de dúvida são sim relevantes.

Acredita-se que a proposta filosófica cartesiana implicou em vários problemas teóricos, por exemplo, o do dualismo mente-corpo. Outro problema é a falta de crédito que Descartes deu ao se valer da tradição que o precedeu. Por exemplo, o “*Cogito Ergo Sum*” (Penso, logo, existo) é uma apropriação do cogito agostiniano encontrado na obra *A Cidade de Deus*, 11.26, que diz: “*Si enim fallor, Sum*” (Se me engano, existo)<sup>1</sup>, a qual Descartes não faz nenhuma referência. Agostinho voltará a se utilizar desse argumento chamado de “cogito de Agostinho” no Livro *Livre-arbítrio* II 3, 7, e no *A Trindade* X 10, 14-16. Veremos com mais detalhes isso no capítulo três.

Mas, por que essa afirmação é importante? É importante porque “Descartes se considerava o primeiro filósofo a ter proporcionado uma refutação adequada ao ceticismo”<sup>2</sup>. E, como tentaremos demonstrar, acreditamos que, na verdade, foi Agostinho, em sua obra

<sup>1</sup> “Nestas verdades, nenhum receio tenho dos argumentos dos académicos que dizem: Que será se te enganares? – pois se me enganar, existo. Realmente, quem não existe de modo nenhum se pode enganar. Por isso, se me engano é porque existo. In: AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**: contra os pagãos. 5. ed. Tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2016. v. 2. p. 1051-1052.

<sup>2</sup> LANDESMAN, Charles. **Ceticismo**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola. 2006, p. 19.

*Contra Acadêmicos*, que ofereceu não só uma crítica adequada à essa proposta filosófica, mas uma crítica com alicerces bíblicamente orientados. Embora ele não tenha sido em alguns momentos consistente, pois, sua filosofia ainda é permeada de um platonismo decadente e assim, deixou de apresentar uma filosofia expurgada do platonismo em alguns momentos.

É sabido que o ceticismo tem o seu nascedouro na Grécia antiga e perdurou quase que hegemonicamente, sem ter sofrido nenhum ataque sistemático e abalizado de seus oponentes. Todavia, como diz Danilo Marcondes, “no diálogo *Contra Acadêmicos*, santo Agostinho pretendeu refutar o Ceticismo Acadêmico, estabelecendo a fé como critério de verdade”<sup>3</sup>.

E prossegue falando da influência das argumentações agostinianas apresentadas no livro *Contra Acadêmicos* a tal ponto de quase sufocar inteiramente o Ceticismo no período posterior. Quanto a isso, afirma Marcondes:

A influência desse pensador [Agostinho] no Ocidente em todo o período medieval explica em grande parte o desinteresse pelo Ceticismo. Assim, referências ao ceticismo Antigo e as discussões sobre questões cétricas, ficariam ausentes da filosofia medieval, salvo algumas exceções<sup>4</sup>.

Além da obra *Contra Acadêmicos* acreditamos que a rápida expansão do cristianismo fez com que o ceticismo não tenha encontrado solo fértil para o seu florescimento. Craig confirma que tanto crescimento do cristianismo como a obra de Agostinho foram importantes para o não florescimento do ceticismo até a chegada da modernidade.

Em suas palavras, constatamos que “o ceticismo, com o crescimento do cristianismo e devido a tratados críticos contra o ceticismo, como *Contra os cétricos*, de Agostinho, não floresceu até a época de René Descartes (1596-1650)”<sup>5</sup>. Ao apresentar os problemas que o ceticismo grego trouxe, Bavinck diz que “o ceticismo apregoado pela filosofia grega perdeu, juntamente com Deus e com o mundo, também a auto-certeza do homem”. Porém, Bavinck irá nos apresentar um raio de esperança que rompeu sobre o homem. Ele declara que quando a “religião cristã revelou a grandeza do coração de Deus, e no raiar do dia quando ele nos visitou com sua entranhável misericórdia, lançou-se luz ao mesmo tempo sobre o homem e sobre as riquezas e valores da sua alma”<sup>6</sup>. Dessa maneira, tanto o cristianismo, como de maneira particular o trabalho de Agostinho tiveram uma participação importante nesse “raiar do dia” sobre o ceticismo.

---

<sup>3</sup> MARCONDES, 2019. p. 34.

<sup>4</sup> *Ibid.* p. 34.

<sup>5</sup> MORELAND, J. P; CRAIG, William Lane. **Filosofia e Cosmovisão Cristã**. Tradução de Emirson Justino *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 122.

<sup>6</sup> BAVINCK, Herman. **A Filosofia da Revelação**. Brasília: Monergismo, 2019. p. 112.

Podemos afirmar que o problema do ceticismo é de maneira tradicional considerado um problema-chave do ramo da Filosofia conhecido por Epistemologia. O problema consiste em rejeitar uma fonte confiável de conhecimento. Sendo assim, não é à toa que vivemos numa crise de fundamentos. Gregg Singer apropriadamente declara:

Não é inadequado observar que a epistemologia se tornou a questão mais profundamente perturbadora no confronto à mente moderna, simplesmente porque a filosofia moderna rejeitou [a] solução bíblica e tem procurado respostas de várias outras fontes, todas das quais têm levado à conclusão desesperadora de que o homem simplesmente não pode conhecer a realidade e que não há nenhuma verdade última que possa ser conhecida<sup>7</sup>.

Infelizmente temos a impressão de que nos círculos Reformados o pensamento de Agostinho que mais prevalece é o aspecto soteriológico, devido a sua disputa com o monge Pelágio. O que é de nos causar muita tristeza. Pois, Agostinho também tem grandes contribuições em outras áreas. Contudo, para a nossa pesquisa nos concentraremos no seu viés mais filosófico adentrando especificamente na epistemologia. Tendo mostrado a relevância do cristianismo como de maneira particular de Agostinho para o enfrentamento, bem como para o não florescimento e expansão do ceticismo, nosso desejo agora será o de mostrar a estrutura do livro *Contra Acadêmicos*. Mas, antes disso, apresentaremos um quadro biográfico e em seguida apresentaremos a querela se foi Agostinho ou não um cético, no sentido rigoroso da palavra. Posteriormente, apresentaremos dados bibliográficos de Agostinho, mas, principalmente no que toca aspectos relevantes sobre o livro *Contra Acadêmicos*. Só, então, de posse dessas informações, adentraremos especificamente na estrutura do próprio livro.

Desejamos, a partir de agora, de forma sucinta, apresentar aspectos da vida de Agostinho que terá conexão com o assunto ceticismo. Agostinho nasceu em 354 d.C, em Tagaste, Numídia, na África. Converteu-se ao cristianismo em 386 d.C, ou seja, com a idade de trinta e dois anos. Morreu em 28 de agosto de 430 d.C. Um ponto importante que merece ser destacado sobre a vida de Agostinho é que, antes da sua conversão, houve um período que corresponde dos 19 aos 28 anos, o qual ele participou da seita dos maniqueus. Seita essa que se assemelha ao marcionismo, pois, o maniqueísmo “rejeitava o Antigo Testamento devido à sua rudeza e imoralidade”<sup>8</sup>.

Sobre a participação de Agostinho na seita maniqueísta até onde podemos pesquisar não há dúvida desse fato. Mesmo porque Agostinho afirma isso de maneira bastante clara.

---

<sup>7</sup> *Apud* W. Gary Crampton; D. Richard E. Bacon. **Em direção a uma Cosmovisão Cristã**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto Brasília: Monergismo, 2009. p. 46.

<sup>8</sup> GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento**. Tradução de. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 119.



Brown declara que Agostinho foi “‘ouvinte’ entre os maniqueus por cerca de nove anos”<sup>9</sup>. Costa, corroborando com isso diz que Agostinho “entrou para a seita gnóstica dos maniqueus, onde permaneceria por nove anos (374-383)”<sup>10</sup>. O próprio Agostinho deixa isso bem claro no livro *Confissões* V.10, afirmando que “durante cerca de nove anos, em que meu pensamento errante escutava a doutrina maniqueísta, aguardava ansiosamente a chegada desse Fausto”<sup>11</sup>. Após esse encontro Agostinho fica desiludido com o maniqueísmo, pois, o mais ilustre dos Maniqueus, Fausto, não soube responder a contento as indagações e inquietações que tanto perturbava Agostinho.

A desilusão com o maniqueísmo, pois essa seita não conseguiu esclarecer ou sanar as suas dúvidas levou Agostinho a supostamente a aderir o ceticismo acadêmico. Vejamos o próprio relato de Agostinho: “caí sob a influência de homens que sustentavam ser a luz física que percebemos com os olhos corporais digno do culto reservado à realidade suprema e divina” [...] Esse trecho remonta à fase maniqueísta, mas, então, Agostinho prossegue em seu relato dizendo que “após ter discutido com eles [maniqueus], abandonei-os. Tendo percorrido aquele mar por muito tempo, entreguei em seguida o timão de meu barco aos acadêmicos”<sup>12</sup>.

Todavia, vale ressaltar que Agostinho tem contato com a doutrina de Arcesilau e Carnéades a partir das leituras das obras de Cícero<sup>13</sup>, provavelmente de maneira específica a obra *Academica*. Mas até que ponto o nosso Bispo de Cartago se envolveu com o ceticismo? Teria ele aderido de maneira radical o ceticismo? Ou seja, ele teve uma fase cética ou simplesmente uma tendência cética?

Acreditamos que se faz necessário responder essa indagação, pois, ela é deveras pertinente, pois há uma discussão bastante frutífera sobre se Agostinho em sua jornada religiosa até a fé cristã passou pelo ceticismo. Alguns estudiosos darão como resposta um enfático “sim”! Outros darão um enfático “não”! Abordaremos essas duas perspectivas, para só então nos posicionarmos sobre qual perspectiva iremos adotar neste trabalho.

<sup>9</sup> BROWN, Peter. **Agostinho**: Uma biografia. 13ª ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. p. 57.

<sup>10</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 10.

<sup>11</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 7ª reimpressão. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2016. p. 124.

<sup>12</sup> AGOSTINHO, Santo. A **Vida Feliz**. 2. ed. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. p. 121.

<sup>13</sup> Cf. Agostinho *Contra Acadêmicos*, III, XX,43. In: AGOSTINHO, 2019. p. 145.

### 3.2 O CETICISMO NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO

As formulações agostinianas se tornam ainda mais importante ao nos lembrar que, segundo alguns estudiosos, o Bispo de Hipona, durante um curto período de tempo de sua vida, foi um cético, pois sua decepção (foi sua decepção com o maniqueísmo que o levou a flertar com alguns postulados da Nova Academia) com o maniqueísmo, principalmente após o seu encontro com Fausto, líder do maniqueísmo. Sendo assim, devemos ressaltar, porém, que ele conheceu o ceticismo não de dentro, mas a partir de fonte secundária via obras de Cícero<sup>14</sup>.

Contudo, há outros estudiosos que defendem que Agostinho nunca teve uma dita fase cética e que, no máximo, ele adotou alguns postulados céticos (tendência cética). Ou seja, para esse grupo de estudiosos, Agostinho nunca foi um cético no sentido rigoroso do termo.

Apresentaremos, agora, as divergências entre os agostinianos, se antes da conversão Agostinho teve ou não passagem pelo ceticismo. Em outras palavras, teria Agostinho tido uma fase cética ou apenas uma tendência cética? A partir dos estudos de alguns agostinianos, passou-se a existir um rico debate sobre o quanto do ceticismo Agostinho adotou em sua vida depois que abandonou o maniqueísmo. É importante notarmos que foi a partir de alguns textos da própria lavra de Agostinho que alguns estudiosos suscitaram esse debate.

Acreditamos que todo esse debate tenha surgido a partir de alguns excertos das obras de Agostinho, onde ele fala com certa afeição benevolente acerca do ceticismo como sistema de vida. A questão, como já temos frisado, é se ele teve uma fase ou uma tendência cética. Por exemplo, no livro *Confissões*, Agostinho tece elogios aos Acadêmicos. Nas *Confissões*, livro V.6, 10, ele diz: “acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram chamados Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem não pode compreender da verdade”<sup>15</sup>.

Ainda no mesmo livro, V.14, 25, ele declara o seu abandono da seita dos maniqueus, e faz uma breve consideração novamente sobre os Acadêmicos “assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos – como se imagina comumente – flutuando entre todas as doutrinas resolvi abandonar os maniqueus.”<sup>16</sup> E, ao chegar ao Livro VI, 1, 1, Agostinho apresenta um

<sup>14</sup> *Contra Acadêmicos*, III, XX, 45. In: AGOSTINHO, 2019. p. 147.

<sup>15</sup> AGOSTINHO, *Confissões*. 2016. p. 133.

<sup>16</sup> *Ibid.* p. 139.

quadro desesperador sobre se era possível chegar à verdade. Ele diz que “havia chegado ao fundo do mar, e não tinha mais confiança nem esperança de encontrar a verdade”<sup>17</sup>.

Assim, é razoável que, a partir dessas declarações da lavra de Agostinho, alguns estudiosos do pensamento de Agostinho foram levados a crer que Agostinho foi um cético no sentido restrito desse termo (fase cética). Sem mais delongas, veremos os que defendem e os que são contra a essa ideia. Primeiramente, pretendemos apresentar alguns estudiosos agostinianos que acreditam que Agostinho aderiu ao ceticismo

Pereira Júnior que fez um excelente trabalho apresentado uma ligação entre o pensamento de Agostinho com o assunto do ceticismo, afirma explicitamente que Agostinho foi um cético, embora não seguindo o mesmo rigor cético de Arcesilau e Carnéades. Pereira Júnior diz que “O ceticismo praticado por Agostinho não seguiu o mesmo rigor que aquele iniciado por Arcesilau e Carnéades. Ao contrário, foi um ceticismo mais moderado, semelhante àquele praticado por Cícero, ou seja, mais brando e ameno que o pirrônico”<sup>18</sup>. Mais à frente ele conclui dizendo que Agostinho foi um ex-adepto do ceticismo<sup>19</sup>.

Gilson defende também a fase cética de Agostinho, porém, diz que, ainda nessa fase dolorosa, Agostinho tenha conservado à crença na existência de um Deus providente. Pois, durante “longos anos ele buscou a verdade pela razão; na época de suas convicções maniqueístas, acreditou tê-la encontrado por esse método, então, após um doloroso período de ceticismo”<sup>20</sup>, Agostinho constata que pela fé tinha condição de alcançar à verdade, coisa que simplesmente pelo uso da razão não pode conseguir. Mais à frente, Gilson, diz que: “Agostinho sabe por experiência própria: as pretensões impotentes à verdade, seguidas de fracassos repetidos que o conduzem ao ceticismo”<sup>21</sup>.

Todavia, explicita Gilson que “Agostinho jamais perdeu a fé na existência de um Deus providência, seja lá qual tenha sido sua idéia de Deus e a extensão de seu ceticismo”<sup>22</sup>. Em outra obra, Gilson, em parceria com Boehner, diz que após a desilusão com o maniqueísmo e doente tanto da alma como do corpo, pois, fora acometido de uma febre perigosa, “não é de estranhar que” Agostinho “nessas circunstâncias ele se voltasse para aquela filosofia que mais conduzia seu estado de alma, o ceticismo”<sup>23</sup>. Então, os autores citados concluem com as

<sup>17</sup> *Ibid.* p. 143.

<sup>18</sup> PEREIRA JÚNIOR, 2012. p. 70.

<sup>19</sup> *Ibid.* p.111.

<sup>20</sup> GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso editorial; Paulus, 2010. p. 61.

<sup>21</sup> *Ibid.* p. 75.

<sup>22</sup> *Ibid.* p. 441.

<sup>23</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 6. ed. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 148.

seguintes palavras “Agostinho deixou de nutrir qualquer convicção segura, contentando-se com simples opiniões”. Opiniões essas que incluíam as doutrinas do cristianismo, pois, prossegue os autores afirmando que “no número das opiniões contava também as doutrinas cristãs, pelas quais continuou a interessar-se, mesmo no tempo em que esteve associado aos acadêmicos”<sup>24</sup>. King é outro erudito que acredita na fase cética de Agostinho, afirmando que “durante um curto período de tempo Agostinho foi cético”<sup>25</sup>.

Tendo apresentado os estudiosos que acreditam em um Agostinho cético, agora iremos apresentar os que não acreditam em um Agostinho cético. Moreschini em sua monumental obra faz a seguinte declaração:

Em 383, em Roma, Agostinho passa por uma crise de ceticismo, que agora é considerada de menor peso por muitos estudiosos; mas não devia ter sido tão banal, se três anos depois dela Agostinho começa a sua carreira, ao escrever precisamente um livro contra os acadêmicos. A própria conversão e a decisão de se fazer catecúmeno da Igreja católica parecem caracterizadas por uma atitude probabilística, à maneira acadêmica (*Confissões*, V. 14, 25). Depois de seu afastamento gradual do maniqueísmo, Agostinho não abraçou improvisamente uma nova filosofia, mas ficou indeciso e descontente, até se aproximar dos céticos. Mas o ceticismo de Agostinho não foi radical. Ele jamais se separou de certos problemas comuns da tardia teologia filosófica antiga e de certos conceitos cristãos; assim, jamais pôs em dúvida a existência de Deus e da sua providência. Deve-se falar de uma ‘**tendência cética**’, mas que de uma ‘**fase cética**’.<sup>26</sup> (destaque nosso).

Oliveira também é outro estudioso do pensamento agostiniano que não acredita que Agostinho tenha adotado por completo o ceticismo acadêmico. Ele diz:

Agostinho afirmará que a razão autônoma jamais pode levar o filósofo à verdade. Este, inclusive, havia sido o método empregado por ele quando da sua passagem pelo maniqueísmo: acreditar apenas naquilo que se pode entender (*b.uita* I.4). Tal racionalismo quase o levou, sob orientação dos acadêmicos, às barras do ceticismo (*conf.* V. 10.19)<sup>27</sup>.

Kenny também não acredita numa fase cética, mas sim num interesse simplesmente teórico pelos argumentos cético. Assim nos informa que “durante o período anterior a sua conversão ao cristianismo, Agostinho, interessou-se pelos argumentos céticos da Nova Academia”<sup>28</sup>. Como falamos, para Kenny houve apenas um interesse ou simplesmente uma tendência e não uma fase cética. Por sua vez, o biógrafo Brown em sua consagrada obra sobre

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 148.

<sup>25</sup> KING, Peter. Agostinho sobre o conhecimento. In: MECONI, David Vicente; Stump, Eleonore (org). Agostinho. 3ª impressão. Tradução de Jaime Clasen. São Paulo: Ideias & Letras, 2016. p. 182

<sup>26</sup> MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística**. 2ª Ed. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013. p.443.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **João Calvino; Santo Agostinho**: Sobre o conhecimento de Deus e o autoconhecimento. São Paulo: Fonte Editorial. 2018. p. 110.

<sup>28</sup> KENNY, Anthony. **Filosofia Medieval**. Vol II. 2ª ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2012. p. 183.

Agostinho, também nega uma fase cética. Ele diz que “os academicos lhe haviam parecido negar que a mente humana pudesse jamais atingir a verdade. Agostinho nunca adotou com entusiasmo essa visão radical”<sup>29</sup>. Podemos dizer que para Brown houve apenas uma tendência cética em Agostinho. Portanto, o tipo de ceticismo apresentado por Cícero, o qual Agostinho vai ter acesso, tenha tão somente conferido a ele certa “respeitabilidade intelectual”. Logo, uma tendência cética em vez, de uma fase cética.

Finalmente, Matthews é outro que está dentro do grupo de estudiosos do pensamento de Agostinho que nega que tenha existido em Agostinho uma fase cética. Segundo ele, “Agostinho lendo outras obras de Cícero. Algumas o puseram em contato com o ceticismo filosófico. Depois disso, houve épocas em sua vida em que flertou com a idéia de se tornar ele próprio um cético filosófico”<sup>30</sup>.

Embora, haja quem acredite que Agostinho tenha sido realmente um cético (fase cética), dado alguns trechos de algumas obras dele, as quais já expusemos, todavia, a grande ampla de estudiosos têm aceitado que Agostinho nunca foi cético no sentido restrito. Todavia, a partir de sua própria lavra no livro *Contra Acadêmicos*, não há dúvida que Agostinho é um homem atingido pela dúvida<sup>31</sup>; dessa forma, podemos dizer que, Agostinho embora não conhecesse o ceticismo internamente, dado que viveu muito tempo depois dessa Nova Academia, foi cooptado e assim teve uma tendência cética. E, embora, tenha tido contato desse ceticismo em segunda “mão”, isso em nada diminui a sua grandeza nas respostas formuladas contra o ceticismo.

Ele era plenamente capaz de oferecer respostas adequadas contra o ceticismo, embora, tenha extraído as informações de segunda mão desse movimento através da Obra de Cícero, principalmente, *Acadêmica*<sup>32</sup>. Nossa perspectiva é de acreditar em uma tendência cética e não em uma fase cética em Agostinho. Embora acreditemos que esse problema esteja envolto em uma alta complexidade, pois o ceticismo não é considerado uma escola filosófica propriamente dita, mas, um tipo particular do fazer filosófico. O máximo que podemos dizer é que Agostinho foi um homem atacado pela dúvida cética, a qual foi intensificada após a desilusão com os maniqueus.

---

<sup>29</sup> BROWN, 2021. p. 96.

<sup>30</sup> MATTHEWS, Gareth. **Santo Agostinho**: A vida e as idéias de um filósofo adiante de seu tempo. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 30.

<sup>31</sup> *Contra Acadêmicos* 3. XV. 34. **In**: AGOSTINHO, 2019. p. 134.

<sup>32</sup> King acredita que “Agostinho deriva seu conhecimento do ceticismo principalmente do *Acadêmica* de Cícero (livro que ele possui em estado mais completo do que nós)”. **In**: MECONI, David Vicente; Stump, Eleonore (org), 2016. p. 182. Nota de rodapé 2.

Essa pequena divagação se fez necessária para enriquecer o nosso conhecimento das discussões sobre a essa fase da vida de Agostinho. Os argumentos formulados por Agostinho ainda hoje estabelecem o ponto inicial adequado para refutar o ceticismo. Nash declara que “os argumentos de Agostinho constituem ainda hoje o ponto de partida adequado para qualquer refutação de tal erro”<sup>33</sup>. Quanto à apresentação dos argumentos formulados por Agostinho no seu livro *Contra Acadêmicos*, faremos no capítulo três.

Como já apontamos acima, Marcondes nos diz que: “no diálogo *Contra Acadêmicos*, santo Agostinho pretendeu refutar o Ceticismo Acadêmico, estabelecendo a fé como critério de verdade”<sup>34</sup>. Podemos afirmar que “desde a conversão, Agostinho se propôs a atingir, pela fé nas Escrituras, o entendimento daquilo que elas ensinam colocando a fé como via de acesso à verdade”<sup>35</sup>. Ele, “já convertido a fé cristã, chegará à conclusão que o melhor caminho para se chegar à verdade será ter como ponto de partida a fé. Distintivamente dos acadêmicos que propunham ‘entender para crer’, Agostinho proporá primariamente ‘crer para entender’”<sup>36</sup>.

Dessa forma, o verdadeiro conhecimento, o qual levará à sabedoria e à felicidade, “só pode ser levado a bom termo através da fé na autoridade da Sagrada Escritura onde Deus revela a Cristo e a sua vontade”<sup>37</sup>. Landesman oferece uma boa explicação do que significa critério de verdade. Ele diz que um critério é:

Algo que podemos recorrer para justificar uma crença que estamos apresentando ou para mostrar que determinada proposição é verdadeira [...]. E prossegue afirmando que “Um critério de verdade é o que nos ajuda a distinguir crenças verdadeiras de falsas, ou crenças justificadas ou razoáveis de ser afirmadas e daquelas que não o são”<sup>38</sup>.

Por haver discordâncias nas diversas escolas quanto à natureza do critério de verdade, Landesman diz que por conta dessas “discordâncias serem de longa data e aparentemente insolúveis sugere que não podemos saber a que equivale o critério verdadeiro”, e, por conta dessa falta de unanimidade entre as escolas<sup>39</sup>, os céticos sugerem que: “não podemos saber a que equivale o critério de verdade e que a verdade é, portanto, impossível de conhecer”<sup>40</sup>.

<sup>33</sup> NASH, Ronald. **Questões últimas da vida**: uma introdução à filosofia. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã. 2008. p. 163.

<sup>34</sup> MARCONDES, 2019. p. 34.

<sup>35</sup> PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e obra**. In: Agostinho. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira dos Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 13.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, 2018. p.110.

<sup>37</sup> *Ibid.* p. 115.

<sup>38</sup> LANDESMAN, 2006. p. 83.

<sup>39</sup> Essa divergência entre escolas não se limita só no campo da filosofia. Podemos ver isso também nas outras áreas do saber com, por exemplo, na Psicologia. Isso se dá por conta de que a natureza do critério do pensamento apóstata padece de base sólida e abrangente. Acreditamos que o Triperspectivismo oferece uma solução para esse impasse.

<sup>40</sup> LANDESMAN, op. cit., p. 83.

Diôgenes Laértios apresenta a ideia cética da seguinte forma: já que “não se pode então conhecer o critério; logo, não se pode também conhecer a verdade”<sup>41</sup>. Assim o “ceticismo foi (e continua a ser) uma preocupação central no interior de qualquer proposta de teoria do conhecimento”<sup>42</sup>. Acreditamos que essa afirmação do Marcondes anteriormente citada, encontra respaldo em *Contra Acadêmicos*, 3, XX, 43 que diz:

Agora me basta não crer que o homem é incapaz de encontrar a verdade [...] Quanto às coisas cujo estudo exige grande penetração – pois estou em tal condição que desejo impacientemente compreender a verdade não só pela fé, mas também pela inteligência”<sup>43</sup>.

Isso direciona, então, o projeto de Agostinho de uma inteligência direcionada para a fé, avalizando o entendimento e a apreensão da verdade.

É de conhecimento geral de qualquer estudioso em filosofia, especificamente de epistemologia, que as correntes epistemológicas diferem quanto ao critério da verdade. Para os empiristas, eram os sentidos; para os racionalistas, aquilo que é evidente para o intelecto; e assim por diante. Para o racionalista a possibilidade do conhecimento é certo (“certeza absoluta”), e se dá na relação entre o sujeito e o objeto no uso da razão. Para o empirista conhecimento é possível (“certeza possível”) e se dá na relação entre o objeto e o sujeito através dos sentidos. E, no sistema subjetivista limita-se a validade da verdade ao sujeito, que conhece e que julga.

Logo, para o subjetivista rigoroso ou radical, o conhecimento não é possível. Portanto o subjetivista radical é cético; contudo, como dissemos na introdução, uma epistemologia bíblicamente orientada a apreensão do conhecimento não é simplesmente possível, mas certo e suficiente, pois Deus se revelou e garante a veracidade de suas revelações, as quais são teologicamente conhecidas no triperspectivismo como: o critério, objeto e o sujeito.

Quanto à origem do conhecimento, o racionalismo finca na razão; o empirismo, nos sentidos; o subjetivismo, no sujeito. Todavia, numa a epistemologia bíblicamente orientada, a origem do conhecimento se encontra em Deus. É ele que se dar a conhecer. É uma condescendência da parte de Deus para com o homem. O critério para o conhecimento, segundo os racionalistas, é a coerência; para o empirista, é a correspondência; para o subjetivista, é a pragmática. Todavia, o filósofo cristão não pode cair nesse tipo de reducionismo, pois, uma epistemologia bíblicamente orientada deve conter os seguintes

<sup>41</sup> Cf. Vidas, IX, 11. 95. LAËRTIOS, 2008. p. 276.

<sup>42</sup> WILLIAMS, Michael. Ceticismo. In. GRECO, John; SOSA, Ernest. **Compêndio de Epistemologia**. 2. ed. Tradução de Alessandra Siedschlag Fernandes; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 65.

<sup>43</sup> AGOSTINHO, 2019. p. 145, 146.

elementos: a coerência (ligada ao aspecto normativo), a correspondência (ligada ao aspecto situacional) e a pragmática (ligada ao aspecto existencial)<sup>44</sup>.

Mas, para qualquer filósofo genuinamente cristão, a natureza do critério<sup>45</sup> de verdade é constituída de três elementos que poderemos utilizar para termos certeza de algo: Palavra de Deus (normativo), a Revelação Geral (situacional) e a Lei de Deus bem como o testemunho interno do Espírito Santo<sup>46</sup> (existencial). Desejamos, a partir de agora, apresentar aspectos bibliográficos de Agostinho, nos concentrando evidentemente no livro que é fruto da análise da nossa pesquisa.

### 3.3 ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO

O livro *Contra acadêmicos* foi a primeira<sup>47</sup> obra escrita de Agostinho, quando estava na vila por nome de *Cassicíaco*, situada a uns 20 quilômetros da cidade de Milão. A obra é de cunho filosófico. Ele afirma no livro *Retrações* que *Contra Acadêmicos* foi sua primeira obra. Afirma também a dupla finalidade de ter escrito esse livro – refutar os argumentos do ceticismo da Nova Academia, bem como, mostrar a verdade para todos aqueles que ainda estavam iludidos aos argumentos dos acadêmicos Arcesilau e Carnéades. No Livro *Retratações*, I,1,1 há a seguinte declaração de Agostinho:

Depois de ter abandoando ou que havia conseguido ou o que ambicionava conseguir no tocante às vaidades deste mundo, ainda não batizado, e me tivesse entregado ao ócio da vida cristã, escrevi primeiramente contra os acadêmicos ou sobre os

---

<sup>44</sup> No módulo de Epistemologia Reformada, o Dr. Prof. Filipe Fontes nos disse que: **REVELAÇÃO ESPECIAL (criterial)**: “É a revelação que Deus dá de si mesmo proposicionalmente à humanidade, que foi escriturada através dos profetas, e dos apóstolos, e preservada pelo ministério da igreja”. **REVELAÇÃO GERAL (objeto)**: “é a revelação que Deus dá de si mesmo através da obra da Criação e da providência. Isso mostra que tanto os entes (objetos – coisas criadas) como os acontecimentos (história) são reveladores do Ser de Deus”. **REVELAÇÃO DE DEUS NAS PESSOAS – “subjctivas (sujeito)**: lei de Deus gravada no coração das pessoas e o testemunho interno do Espírito Santo nas pessoas.” Nos escritos de Frame, esse último aspecto recebe o nome de Existencial.

<sup>45</sup> Segundo Charles Landesman, um “critério é algo que podemos recorrer para justificar uma crença que estamos apresentando ou para mostrar que determinada proposição é verdadeira” [...]. E prossegue afirmando que “Um critério de verdade é o que nos ajuda a distinguir crenças verdadeiras de falsas, ou crenças justificadas ou razoáveis de ser afirmadas e daquelas que não o são”. In: **Ceticismo**, 2006. p. 83.

<sup>46</sup> Frame nos alerta sobre este ponto: “Eles [os reformadores] deixaram claro (pois já em seu tempo havia mal-entendidos nessa área) que o testemunho do Espírito não é uma nova revelação; antes, a obra do Espírito consiste em iluminar e confirmar a revelação já dada [...]. E mais, a Escritura não se mostra relutante em descrever essa obra como uma obra de revelação (Mt 11.25.; Ef 1.17). É revelação no sentido de que, por meio do ministério do Espírito, aprendemos algo do que de outra maneira seríamos ignorantes; estamos aprendendo a Palavra de Deus” FRAME, 2010. p. 172.

<sup>47</sup> Na verdade segundo o próprio Agostinho no livro *Confissões* IV, 13 a sua primeira obra foi um texto que tinha a designação de “*De Pulchro et Apto*” (*Do Belo e do conveniente*). Escrito no ano de 380. Em suas palavras: “Escrevi, por isso, os tratados *De Pulchro et Apto*, creio que em dois ou três livros. Vós sabéis, meu Deus. Eu já me esqueci. Já os não possuo. Desapareceram-me, não sei como”. In: AGOSTINHO, 2004. p. 112. E que conforme Mathews, o tema principal dessa obra era a questão da “estética e da filosofia do espírito”. In: MATTHEWS, 2007. p. 30.



acadêmicos, com a finalidade de afastar de meu espírito seus argumentos com maior número possível de razões, pois levam muitos à falta de esperança de encontrar a verdade e proibem a qualquer um de assentir à verdade e ao sábio de acolher algo como manifesto e evidente, visto que tudo lhes aparece obscuro e incerto<sup>48</sup>.

Assentindo com a nossa perspectiva acima citada, Gilson arremata e nos informa assim:

Quanto ao essencial, a refutação agostiniana do ceticismo está contida no *Contra academicos*. O escrito resume as conversas entre Agostinho e seus amigos na vila de Cassissíaco, imediatamente após sua conversão. Já é notável que a refutação do ceticismo tenha sido a primeira ocupação do novo cristão. O ‘desespero de encontrar a verdade’, que ele acaba de vencer em si mesmo, é também o primeiro inimigo que ele quer vencer nos outros<sup>49</sup>.

Por ter tido contato com as ideias dos membros da Nova Academia, Agostinho sabia que os postulados céticos tinham um alto poder de persuasão. Dai, concluímos que por conta disso, Agostinho se sentiu inclinado, ou melhor, podemos dizer que ele teve uma obrigação moral de escrever contra o Ceticismo.

Pensamos que, dado a sua perspicácia, labor filosófico e sua disposição apologética, sentiu-se impelido a escrever uma obra que refutasse o ceticismo. É possível, que ele tenha percebido não só os perigos dos ataques céticos contra certeza da apreensão da verdade defendida pelos dogmáticos, mas, acima de tudo, o perigo que o ceticismo oferece a uma epistemologia bíblica.

Agostinho percebeu, a partir do contato com algumas obras de Cícero, os problemas para a fé cristã, elencados pelos postulados do ceticismo, o que demandaria uma resposta rápida e a altura dos questionamentos céticos. Foi isso que o nosso Bispo de Hipona fez, já que após sua conversão dedicou a sua primeira obra a responder ao ceticismo.

Mas o tempo em que Agostinho passou aderindo a alguns postulados céticos (tendência cética), foi o suficiente para que Agostinho dado a sua capacidade de reflexão filosófica tenha percebido os efeitos devastadores de aderir o sistema cético.

Concluímos, então, o porquê que o livro *Contra Acadêmicos* tenha sido o primeiro livro que Agostinho escreveu. Urgia na mente do futuro Bispo de Hipona uma resposta rápida, todavia robusta para minar o sistema cético. E, conforme já falamos a resposta de Agostinho foi verdadeiramente poderosa, sufocando o ceticismo a tal ponto que só na Idade Média ele retornará com força argumentativa. Assim, podemos perceber que o Bispo de Hipona, antes de sua conversão, teve uma vida bem perturbada indo do maniqueísmo, e,

<sup>48</sup> Agostinho. **Retratações**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019a. p. 21.

<sup>49</sup> GILSON, 2010. p. 84.

posteriormente, quase abraçou o ceticismo sob a orientação dos acadêmicos via obra de Cícero. Por fim, convertido, percebe que a razão autônoma jamais levará o filósofo à verdade.

#### 3.4 ASPECTOS CENTRAIS DA ESTRUTURA DOS LIVROS I, II e III DO *CONTRA ACADÊMICOS*<sup>50</sup>

O livro *Contra Acadêmicos* foi escrito possivelmente entre a conversão de Agostinho e o seu batismo, (provavelmente a noite de 24 e 25 de abril de 387). No livro *Retratações* Agostinho deixa isso bem claro afirmando que: “depois de ter abandoando ou que havia conseguido ou o que ambicionava conseguir no tocante às vaidades deste mundo, ainda não batizado e me tivesse entregado ao ócio da vida cristã, escrevi primeiramente contra os acadêmicos ou sobre os acadêmicos”<sup>51</sup>. Logo após ter encerrado suas atividades como docente em Milão, Agostinho se retira juntamente com os seus familiares, a saber, sua mãe Mônica<sup>52</sup>, seu filho Adeodato<sup>53</sup>, então com apenas 15 anos de idade, seu irmão Navígio, e os amigos Alípio, Licencio, Trigêncio, e outros, para uma vila por nome de Cassissíaco, tendo se hospedado juntamente com esse grupo numa casa de campo, a qual foi cedida por seu amigo Verecundo. Agostinho e seus amigos se ocupavam diariamente na organização e direção dos trabalhos agrícolas.

O período de permanência no sítio de seu amigo Verecundo se deu logo após Agostinho ter contraído uma doença estomacal que o levou a abandonar a cátedra de retórica<sup>54</sup> e esse período que ficou hospedo no sítio de Verecundo teve duração de seis meses que corresponde de setembro de 386 até o mês de março de 387. Em Cassissíaco, ele escreve os seguintes livros *Contra Acadêmicos*, em três livros. No livro I, Agostinho discutirá a relação entre felicidade e conhecimento da verdade levantando a seguinte questão: Para ser feliz basta procurar a verdade ou é preciso encontrá-la? E, nos livros II e III discutirá de maneira mais específica a doutrina dos acadêmicos. O núcleo do ceticismo é identificado por Agostinho consistindo de duas teses: [**tese 1**] nada se pode conhecer; [**tese 2**] o assentimento deve ser sempre suspenso. Nas palavras de Agostinho encontradas no livro III, X, 22 “os

<sup>50</sup> Neste intento de apresentar a estrutura dos livros um ao três de *Contra Acadêmicos*, fomos extremamente auxiliado pela excelente introdução de Bento Silva Santos. In: AGOSTINHO, 2019. p. 10-40.

<sup>51</sup> *Retratações*, I. 1. 1. In: Agostinho, 2019a. p. 21.

<sup>52</sup> *Vida Beata*, I.6. In: AGOSTINHO, 1998. p.123.

<sup>53</sup> *Ibid.*, *Vida Beata*, I.6.

<sup>54</sup> “Quando uma doença de estômago me obrigou a deixar a cátedra de retórica, embora, como você sabe, mesmo sem este motivo eu já planejava refugiar-me ao estudo da filosofia, logo me transferi para o sítio de nosso grandíssimo Amigo Verecundo”. Da Ordem, 1.II.5. In: AGOSTINHO, Santo. **A Ordem**. 3. reimpressão. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019b. p. 163-164.

acadêmicos sustentam duas coisas, contra as quais decidimos lutar: Nada se pode conhecer e não se deve dar assentimento a nada”<sup>55</sup>.

Escreve ainda *De Beata* (Sobre Vida feliz), em apenas um livro, *De Ordine* (Sobre a Ordem), em dois livros e *Soliloquia* (Solilóquios), em dois livros. Devemos ainda destacar que tanto o Livro *De Beata* (Sobre Vida feliz), bem como o Livro *De Ordine* (Sobre a Ordem) foram escritos simultaneamente com o Livro *Contra Acadêmicos*. Isso nos mostra a genialidade de Agostinho em tratar temas de forma tão aprofundada e concomitantes e que ainda hoje são tão importantes à filosofia.

Podemos afirmar ainda que o livro *Contra Acadêmicos* não é de fácil leitura. Mas o ponto alto do livro é o terceiro livro, o qual vemos uma desenvoltura filosófica que nos fascina. Matthews confirma isso e demonstra também o objetivo, pois, para ele

Grande parte do texto *Contra Acadêmicos* é um tanto esotérico e difícil de entender. Mas o terceiro dos três livros que constituem a obra adquire grande desenvoltura e é filosoficamente fascinante. O objetivo consiste, então, em determinar se alguma coisa pode ser conhecida. O critério para conhecer é algo que ficou conhecido como a “definição de Zênon”. Infelizmente, a definição de Zênon é enunciada ao longo do diálogo em uma série de maneiras diferentes.<sup>56</sup>

Vale ainda destacar, para efeito didático, o tripé entre Agostinho que é o protagonista do diálogo e seus interlocutores: Agostinho-Navígio<sup>57</sup>, relação familiar; Agostinho-Alípio, relação de amizade<sup>58</sup>; Agostinho-Licêncio e Trigêncio, relação entre mestre e discípulos<sup>59</sup>. Nosso objetivo é simplesmente apresentar a estrutura dos livros I, II e III de *Contra Acadêmicos* e não necessariamente o conteúdo das argumentações. Embora pretendemos apresentar algum conteúdo que consideramos bastante relevante para o debate apologético atual e fazermos algumas considerações, todavia, ressaltamos que nossa intenção será simplesmente mostrar a estrutura dos livros I, II e II.

<sup>55</sup> AGOSTINHO, 2019. p. 121.

<sup>56</sup> MATTHEWS, 2007. p. 30. Cf., *Contra Acadêmicos*. II, V, 11; III, IX, 18; III, IX, 21. In: Agostinho, 2019, p. 80, 118, 120.

<sup>57</sup> *Vida Beata*, I.6.

<sup>58</sup> No livro *Confissões* VI, 7, 11, Agostinho relata sobre Alípio nos seguintes termos: “Alípio nascera no mesmo município que eu e no qual seus pais tinham grande prestígio. Era mais moço que eu. Fora até meu aluno, quando comecei a ensinar em nossa cidade, e depois em Cartago. Ele me estimava muito, porque eu lhe parecia bom e sábio, e também eu lhe queria bem, porque ele demonstrava forte inclinação para a virtude”. In: AGOSTINHO, 2016. p. 154.

<sup>59</sup> *Ibid.*

O livro é dedicado a Romaniano<sup>60</sup>, conforme as próprias palavras de Agostinho “assim, neste livro lerás [Romaniano] as questões tratadas por eles [Trigêncio e Licêncio] e as suas opiniões bem como as minhas palavras e as de Alípio”<sup>61</sup>. Isso é apresentado no prólogo a Romaniano. E, após isso, ainda no Livro I, Agostinho dará início à primeira discussão do diálogo a qual será sucedida por mais duas discussões. A primeira discussão terá como eixo norteador dois fundamentais problemas: Podemos conhecer a verdade? Podemos ser felizes sem a sua posse? Aqui a discussão gira em torno de dois personagens: Licêncio e Trigêncio, que são, conforme já demonstramos discípulos de Agostinho, embora, Navígio apareça nessa primeira discussão, mas sua participação é bem discreta, fazendo apenas um breve comentário. Ainda para efeito elucidativo do diálogo, é importante saber que Trigêncio irá ser contra os postulados dos acadêmicos céticos. E, os que irão advogar a causa cética serão Licêncio<sup>62</sup> e Alípio<sup>63</sup>. Na segunda discussão, o assunto tratado será se é possível uma pessoa ser feliz em meio ao erro. Após uma longa argumentação de Licêncio defendendo os pontos de vista da Nova Academia, Trigêncio se mostra desinteressado em dar continuidade a disputa, e como já havia chegado a noite, a segunda discussão é encerrada. E, por fim, temos a terceira discussão que é uma continuação da segunda discussão, e que Agostinho apresentará uma definição de sabedoria. Nessa terceira discussão, Licêncio se mostra bastante obstinado e não se rende diante das objeções levantadas por Trigêncio, pelo contrário, Licêncio vai rebater a definição apresentada por Agostinho acerca do tema sabedoria. Agostinho encerra a discussão desejoso em apresentar ao seu amigo Romaniano o progresso de Licêncio e Trigêncio e preparando o fechamento dessa discussão levantando um novo assunto a saber: Convidar Licêncio para se preparar para defender as teses céticas.

No livro I, há algo que julgamos ser necessário um comentário. Licêncio (defensor dos postulados céticos) pede para Trigêncio (crítico dos postulados céticos) definir o que ele entende por sabedoria. Esse procedimento de Licêncio no debate é por demais importante para deixarmos de apresentar aqui. Pois, nos alerta para algo bastante importante, a saber, que, em um debate, seja qual for o tipo de assunto abordado, devemos, ou antes ou durante o debate, definir o termos ou pedir que o nosso oponente defina aquilo que ele entende por certos termos que ele usará. Pois, caso contrário, a derrota será certa. Vejamos:

---

<sup>60</sup> Romaniano é pai de Licêncio (*Contra Acadêmicos*, I, IX, 25. In: Agostinho, 2019. p. 68) e custeou os estudos de Agostinho, inclusive hospedou Agostinho (*Contra Acadêmicos*, II, II, 3. In: *Ibid.* p. 71)

<sup>61</sup> *Contra Acadêmicos*, I, I, 4. In: *Ibid.* p. 45.

<sup>62</sup> *Contra Acadêmicos*, I, IX, 25. In: AGOSTINHO, 2019. p. 68.

<sup>63</sup> *Contra Acadêmicos*, II, VI, 14; II, VII, 17. *Ibid.* p. 83, 86.

Indagou Trigêncio: Concedes que a sabedoria é o caminho reto da vida? Licêncio: Concedo, sem dúvida. Mas quero que me definas a sabedoria para saber se a concebemos no mesmo sentido”<sup>64</sup>.

A definição é importante, devido ao problema da polissemia<sup>65</sup> ou da semântica. Ou seja, podemos, o oponente e eu, por exemplo, usar o termo ‘salvação’, mas com sentido diferente. Salvação para mim é pela graça, para o meu oponente, por exemplo, pode ser pela obra. Embora usemos o mesmo termo, mas fica provado que temos significado diferentes. Schaeffer nos alertou para isso. Ele designou esse tipo de abordagem de “Misticismo Semântico. Schaeffer nos diz que “cada palavra tem duas partes. Há a definição do dicionário e há a conotação. Palavras podem ser sinônimas pela definição, mas ter conotação completamente diferente”<sup>66</sup>. Sejam mais atentos quanto a esse aspecto.

Veremos agora como se encontra estruturado o livro II. O livro II apresenta o segundo prólogo dedicado ao amigo de Agostinho, Romaniano, bem como a quarta e a quinta discussão. Destacamos que o tema principal do prólogo é o obstáculo que o homem tem de se tornar sábio. A quarta discussão, contida no livro II, é iniciada depois de uma pausa de quase sete dias após o término do livro I. Os temas norteadores dessa discussão serão: um resumo da doutrina da Academia, a origem da Nova Academia e seu relacionamento com a Antiga Academia. Agostinho finaliza essa quarta discussão falando que a verdadeira motivação dos cétricos era simplesmente esconder dos medíocres a sua doutrina. Nas palavras de Agostinho, “Parece-me que escolheram tais palavras para ao mesmo tempo ocultar, a sua doutrina aos medíocres e revelá-la aos espíritos mais penetrantes”<sup>67</sup>. A quinta discussão será bem breve, devido os interlocutores terem passado o dia nos trabalhos domésticos. Nessa discussão, o tema do “verossímil” será reatado. Agostinho oferece o seu parecer nos seguintes termos:

De minha parte, creio ter já muitos argumentos contra a doutrina dos Acadêmicos. Por ora a nossa diferença de opinião se reduz a isto: eles acham provável que não se pode encontrar a verdade e eu julgo provável que se pode encontrá-la.<sup>68</sup>

<sup>64</sup> *Contra Acadêmicos*, I, V, 13. *Ibid.* p. 56.

<sup>65</sup> Um filósofo contemporâneo que percebeu essa problemática da polissemia foi Wittgenstein. Contudo, ao tentar resolver essa dificuldade Wittgenstein criou um problema maior que a solução proposta. Para ele a linguagem deveria ter palavras unívocas para cada fato no mundo (TLP 2.0122. Nesse aforismo, Wittgenstein se opõe à polissemia. *In*: WITTGENSTEIN, 2001. p. 131) Assim evitaríamos ambiguidade. Por exemplo, “manga”, pode significar várias coisas. “Manga” do verbo mangar, “manga” de camisa e ainda temos uma fruta por nome de “manga”. Contudo, a posição de Wittgenstein é também idolátrica, pois absolutiza o aspecto lógico do horizonte temporal da existência humana. Bem como nos levará a algum tipo de solipsismo.

<sup>66</sup> SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. Tradução de Gabrielle Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 92.

<sup>67</sup> *Contra Acadêmicos*, II, X, 24. *In*: AGOSTINHO, 2019. p. 93.

<sup>68</sup> *Contra Acadêmicos*, II, X, 24. *Ibid.* p. 92.

Por fim, teremos a sexta discussão que será apresentado no livro III. Agostinho deixa bem claro logo de início a visão adotada pelos acadêmicos no tocante ao sábio e na questão da verdade. Pois, “os acadêmicos afirmaram que o sábio deve fazer todo esforço para encontrá-la [a verdade] e de fato o faz com toda a dedicação. Mas, como a verdade está oculta ou confusa, para orientar a sua vida, devia seguir o que lhe apreça provável ou verossímil”. Então, Agostinho conclui dizendo que “efetivamente, um afirma que o homem alcança a felicidade pela descoberta da verdade, enquanto para outro basta buscá-la diligentemente”<sup>69</sup>.

Essa argumentação sobre essas duas posições acima mencionas será abordada quando tratarmos de maneira mais específica sobre o argumento da felicidade. Por ora, basta sabermos que Agostinho adotará a primeira posição. Ou seja, que o homem sábio é aquele que não só busca, mas sabe que pode encontra a felicidade. Há uma pausa para o almoço e logo depois, recomeçam os debates e, em seguida, Agostinho termina fazendo um grande discurso e nele vemos a genialidade de Agostinho, a benevolência contra o adversário, clareza de exposição e honestidade ao expor o ponto de vista dos acadêmicos a tal ponto que após terminá-lo, o seu interlocutor Alípio fica maravilhado com a exposição e diz as seguintes palavras:

Devo declarar que jamais nada correspondeu melhor ao meu desejo de sair vencido da discussão de hoje. e penso que esta alegria não deve ser só minha. Desejo compartilhá-la convosco, meus companheiros de luta ou juízes nossos, pois talvez até os acadêmicos desejaram ser vencidos desta maneira pela posteridade. O que poderia ser-nos oferecido de mais agradável que este discurso, mais aberto pela benevolência e mais hábil na argumentação? Nunca posso admirar o bastante a amenidade com que tratasse questões tão espinhosas, tanta coragem em situações desesperadas, tanta moderação na exposição de tuas convicções, tanta clareza nos pontos obscuros.<sup>70</sup>

Penso que as palavras de Alípio deveriam ecoar em nossos corações quando estivermos expondo pontos de vista contrário aos nossos. Honestidade, respeito, caridade e clareza devem ser pontos norteadores em nossos debates acadêmicos, pois, o nosso desejo não deveria ser simplesmente a glória em termos ganho um debate, mas em anunciar a verdade. Aqui no livro *Contra Acadêmicos* o objetivo, segundo as próprias palavras de Agostinho, “não é tratarmos de buscar a glória, senão encontrar a verdade”<sup>71</sup>. O próximo capítulo abordaremos alguns argumentos utilizados por Agostinho contra o ceticismo acadêmico.

<sup>69</sup> *Contra Acadêmicos*, III, I,1. In: AGOSTINHO, 2019. p. 99.

<sup>70</sup> *Contra Acadêmicos*, III, XX,44. *Ibid.* p. 146.

<sup>71</sup> *Contra Acadêmicos*, III, XIV,30. *Ibid.* p. 131.

#### 4. ARGUMENTOS CENTRAIS DE AGOSTINHO CONTRA O CETICISMO ACADÊMICO

Nosso objetivo aqui será bem modesto, pois não iremos apresentar todas as formulações argumentativas de Agostinho *Contra os acadêmicos*, mas apenas aqueles que acreditamos serem as mais importantes. É necessário também informar que não pretendemos expor os argumentos de Agostinho de maneira linear, conforme vá aparecendo na obra, mas nossa pretensão é de fazer um encadeamento temático de certas formulações argumentativas agostinianas contra o ceticismo da Nova Academia.

Assim, só nos resta agora demonstrar os três argumentos agostinianos que elegemos como os mais contundentes contra as posições céticas. São eles: o problema da inação, acerca da impossibilidade da *episteme* e o argumento da felicidade. Veremos a partir de agora cada um deles.

##### 4. 1. O PROBLEMA DA INAÇÃO.

Acerca da ação moral, Arcesilau terá um grande desafio, qual seja, em responder as críticas do estóico quanto ao problema da inação. Ou seja, as teses céticas, sendo adotadas, nos levará, irremediavelmente, à estagnação de qualquer ação. Logo, esse problema Arcesilau terá que formular uma resposta que demonstre que a aceitação dos postulados céticos não nos levará a inação. Devido ao propósito deste trabalho, não apresentaremos como Arcesilau formulou a resposta ao estoicismo quanto ao problema da inação.

Contudo, acreditamos que o teste da coerência é um dos testes bastante viável para ver se é possível vivermos no mundo conforme nossas crenças. Assim, cabe-nos a seguinte pergunta: o ceticismo é viável? Jolivet assim nos diz: “o cético para ser lógico consigo mesmo, não deveria falar, nem se mexer sequer, uma vez que toda palavra e gesto implicam alguma afirmação. Aristóteles diz muito bem que o cético desceria ao plano vegetal”<sup>1</sup>. Podemos ainda dizer que o ceticismo é contraditório.

Poderíamos perguntar para um cético se ele acredita mesmo nas suas afirmações. Se sim, ele não é de todo cético; se não, como ele quer que outros acreditem, se ele mesmo não acredita no que afirma. Logo, “pode-se mostrar que ele não consegue defender-se sem

---

<sup>1</sup> JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. 13. ed. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. Rio de Janeiro: Agir, 1979. p. 247.

contradição. Se afirma que ainda é verdadeiro (ou certo), afirma ao mesmo tempo que ele é verdadeiro (ou certo), e que nada é verdadeiro. Existe, então, alguma coisa de verdadeiro”<sup>2</sup>.

Mas, qual é o ponto de fundamental importância para se entender as propostas da Nova Academia, nas figuras dos filósofos Arcesilau e Carnéades acerca do critério da ação? Bolzani diz que tanto o conceito de *eúlogon* formulado por Arcesilau, bem como o conceito de *pithanón* formulados por Carnéades, “pretendem-se formas de conferir inteligibilidade a escolhas práticas sem, ao mesmo tempo, burlar o equilíbrio imposto pela *epokhē*”<sup>3</sup>.

Podemos afirmar que o problema da ação será o “calcanhar de Aquiles” do ceticismo. Pois, ser cético é está condenado à inação<sup>4</sup> (*apraxia*), ao silêncio (*aphasía*) e também a apatia (*apátheia*). O *eúlogon* de Arcesilau, bem como o *pithanón* de Carneádes foram tentativas de escapar das críticas de seus adversários, principalmente dos estóicos.

Todavia, como tentamos demonstrar tal tentativa não só foi inconsistente como incoerente. Inconsistente, pois não tem um fundamento último transcendente para validar quais ações são certas ou não. Incoerente, pois o próprio Pirro que adotou o ceticismo radical, não viveu até as últimas consequências a sua doutrina. E, quem poderá viver de maneira coerente em toda sua vida e em cada momento dela.<sup>5</sup> Acreditamos que ninguém, a não ser o Nosso Salvador.

Esse problema da inação persegue os cétricos. Por exemplo, Pirro, que é considerado o pai do ceticismo e que viveu o ceticismo, segundo alguns de maneira coerente com o seu ceticismo, na verdade não viveu até a última instância o seu ceticismo. Brochard nos ajudará a esclarecer os fatos. “o ideal de Pirro é a indiferença absoluta, a completa apatia: o que quer que aconteça, o sábio, ou pelo menos aquele que chegou, o que é difícil a despojar-se do homem, não se deixa perturbar”<sup>6</sup>.

Parece que Pirro viveu totalmente essa imperturbabilidade. Certa vez, ele se “encontrava num barco batido pela tempestade; todos os passageiros experimentaram o mais vivo espanto. Somente Pirro não perdeu um instante o sangue frio e, mostrando um porco ao

<sup>2</sup> JOLIVET, 1979. p. 247.

<sup>3</sup> BOLZANI FILHO, 2013. p. 113.

<sup>4</sup> David Hume, embora apresente uma imagem crítica de um tipo de ceticismo extremado, acreditamos que a pertinência de tal crítica, por ser Hume mesmo um cético, poderá ser usado contra qualquer tipo de ceticismo. Hume diz que “toda a vida humana seria aniquilada se seus princípios fossem adotados de forma constante e universal. Todo discurso e toda ação cessariam de imediato, e as pessoas mergulhariam em completa letargia. *In: HUME, David. Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral.* São Paulo: UNESP, 2004. p. 216.

<sup>5</sup> “Quando um cristão pergunta, posso viver com esta crença? A vida em vista é a vida regenerada em sua mais completa maturidade. Estamos perguntando se as nossas crenças são coerentes com uma consciência e experiência cristã plenamente santificadas [...] Assim como justificamos ações éticas mostrando que elas provêm de um motivo apropriado, um motivo de fé e amor”. *In: FRAME, 2010. p. 167.*

<sup>6</sup> BROCHARD, 2009. p. 73.



qual se acabava de dar cevada e que comia muito tranquilamente, disse” ao modo cético da ataraxia, “eis a calma que a razão e a filosofia devem dar aos que não querem se deixar perturbar pelos acontecimentos”<sup>7</sup>. Até aqui nos parece que Pirro viveu de forma coerente com o seu ceticismo. Mas será mesmo que ele viveu de maneira toda coerente? Segundo os registros de Laêrtios, “não”! Pois, segundo ele, houve duas vezes que Pirro não aplicou o princípio da indiferença. Ou seja, não agiu de maneira coerente com o princípio cético da imperturbabilidade. A primeira vez que Pirro foi perturbado foi quando “ficou agitado por causa da investida de um cão, e replicou a quem o criticou que era difícil desvencilhar-se inteiramente da debilidade humana”, e, para fugir das críticas de seus adversários, se utilizou da seguinte retórica, pois “contra os fatos é necessário em primeiro lugar, sendo possível, lutar com atos, e não sendo possível, com a razão”<sup>8</sup>. E, em outra ocasião, Pirro também foi inconsistente com o princípio que adotara, pois, “perdeu a calma por causa de sua irmã, chamada Filista, e a alguém que o censurou” por essa incoerência, ele respondeu da seguinte forma: “que não era em relação a uma frágil mulher que se devia demonstrar indiferença de minha indiferença”<sup>9</sup>

Esse problema da inação é amplamente discutido em *Contra Acadêmicos*. Agostinho chega a comparar os termos “provável” e “verossímil” usados pelos Acadêmicos como simplesmente um jogo de palavras na tentativa em oferecer uma solução para o problema da inação. Agostinho chama Licêncio para ouvir uma explanação contra os termos “provável” e “verossímil”:

Ouvi, pois, continuei, de que se trata. Os Acadêmicos chamam provável ou verossímil o que nos pode mover agir sem assentimento. Quando digo sem assentimento, quero dizer de tal modo que sem ter por verdadeiro o que fazemos e julgando ignorar a verdade, não deixemos de agir. Por exemplo, se na noite passada, com o céu tão desanuviado e puro, alguém nos perguntasse se hoje nasceria um sol tão radioso, creio que teríamos respondido: não sabemos, mas parece que sim. Tal me aparece ser, diz o Acadêmico, tudo o que julguei dever chamar provável ou verossímil<sup>10</sup>

E, então, Agostinho arremata citando uma frase de Cícero, pois, “o sábio não deve ser um artífice de palavras, mas um investigador da realidade”<sup>11</sup>. Para Agostinho, portanto, os Acadêmicos estavam usando apenas um jogo de palavras para tentar sair da acusação promovida pelos estóicos quanto ao problema da inação. Agostinho diz em outro lugar que

<sup>7</sup> BROCHARD, 2009. p. 84.

<sup>8</sup> Cf, Vida, IX, 11, 66. LAËRTIOS, 2008. p. 269.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Contra Acadêmicos*, III, XI, 26. In: AGOSTINHO, 2019. p. 94, 95.

<sup>11</sup> *Ibid.*

condenavam assim o sábio a um sono permanente e a negligência de seus afazeres. Dessa maneira, segundo Agostinho “os acadêmicos condenavam o seu sábio, que, segundo eles, nada aprova, ao perpétuo sono e ao abandono de todos os seus deveres”<sup>12</sup>. E, no Livro III, XVI,35, Agostinho retoma esse assunto e ridiculariza essa concepção de “provável” e “verossímil” dos Acadêmicos. Diz ele que “os acadêmicos dizem que, na prática, só seguem o provável e com todo afincamento procuram verdade, quando é provável que não poderão encontrá-la. Que maravilhoso absurdo!”<sup>13</sup>

Por isso, afirmamos as defesas de Arcesilau e Carnéades, para se livrar dos golpes duros do estoicismo, acerca de que o ceticismo levará a inação, não foram respondidas adequadamente por esses dois acadêmicos, bem como desde a queda a incoerência é algo bem nítido tanto nos incrédulos e nesses de forma mais acentuada, como também nos regenerados.

Pois, o pecado que comentemos é de certa forma, uma incoerência acerca do que cremos (ser santo) e de como vivemos. Agostinho, como um homem alcançado pela graça viu essa incoerência entre o sistema de crenças e a vida prática dos Acadêmicos.

O ceticismo é tanto autodestrutivo como desumano. Pois, se o sábio deve se abster de assentir precipitadamente a toda e qualquer afirmativa, se satisfazendo simplesmente com opiniões que sejam prováveis, deverão, para ser coerentes, chegar a conclusão que a moralidade se reduz a simplesmente uma questão de verossimilhança. Daí se segue a terrível conclusão que um assassino poderia justificar seu assassinato sob a desculpa de ter agido com uma certeza meramente provável e se esquivar da sentença alegando ser coisa impossível assentir a simples probabilidades. Ninguém em bom juízo concordaria com isso, mas é isso que nos levará as teses céticas se abraçadas até as últimas consequências<sup>14</sup>

#### 4.2. ACERCA DA IMPOSSIBILIDADE DA EPISTEME

Agostinho, em sua construção argumentativa contra os acadêmicos, vai elaborar um argumento a partir da ideia se o mundo é uno o ou múltiplo, ao ser questionado por Alípio a possibilidade de obter certezas ou se é possível conhecer a verdade. Agostinho diz assim:

Afirmas que nada se pode saber ao certo em filosofia. E para difundir amplamente o teu discurso apelas para as rixas e dissensões entre os filósofos, acreditando que te fornecem armas contra eles<sup>15</sup>. Como julgaremos

<sup>12</sup> *Contra Acadêmicos* 2.V. 12. In: AGOSTINHO, 2019, p. 81.

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 137-138.

<sup>14</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. 1995. p. 151.

<sup>15</sup> Sobre se a multiplicidade das opiniões dos filósofos tenha servido para o surgimento do ceticismo, Brochard diz as: “causas que provocaram o aparecimento do ceticismo deve-se certamente assinalar, em primeiro lugar, a

a contenda entre Demócrito e os físicos antigos sobre se o mundo é ou não uno ou se há muitos mundos, quando não houve acordo entre ele e seu herdeiro Epicuro? [...] Efetivamente tenho por certo que o mundo é uno ou não é uno<sup>16</sup>

Podemos formular o argumento acima da seguinte forma<sup>17</sup>:

p: O mundo é uno;

q: O mundo não é uno.

Usando essa tabela acima, podemos afirmar que essas proposições só podem ser verdadeiras ou falsas. Todavia, ao elaborarmos em proposições disjuntivas em chegaremos a seguinte fórmula:

$$(p \vee q) = V.$$

Assim, podemos concluir que o objetivo de Agostinho ao formular esse argumento contra as acusações de Alípio não era simplesmente demonstrar que (p) ou (q) fossem verdadeiras ou falsas, mas sim que  $(p \vee q) = V$ , evidenciando assim que podemos conhecer algo e que existem verdades.

Quanto à proposição disjuntiva, Agostinho elabora outras, mas apresentaremos apenas mais duas: “se há um sol, não há dois, uma mesma alma não pode ao mesmo morrer e ser imortal, um homem não pode ser ao mesmo tempo feliz ou infeliz”<sup>18</sup>. Essa questão, à primeira vista, pode parecer sem muita importância; porém, aqui, Agostinho mostra um toque de sua genialidade, antecipando um problema que florescerá mais de mil anos à frente com Descartes, qual seja: **o problema do mundo externo**. Logo adiante Agostinho diz que o cético acadêmico propõe a seguinte provocação, o qual em nossa opinião esta provocação, ou por que não dizer este desafio é deveras notável, pois “se os sentidos enganam, diz o acadêmico, como sabes que este mundo existe?”<sup>19</sup>. Mathews considera que este desafio seja “talvez o mais notável desafio cético em todo o tratado”, pois “ele introduz o que, em filosofia moderna, é chamado de ‘problema do Mundo Externo’”<sup>20</sup>.

Assim como o argumento do cético seja notável, a resposta de Agostinho não deixa nada a desejar, ou seja, é igualmente notável a resposta que ele oferece à pergunta do cético acadêmico. Agostinho diz:

---

diversidade e a oposição dos sistemas aos quais os filósofos anteriores [pré-socráticos, Platão, Aristóteles] se haviam detido”. In: BROCHARD, 2009. p. 56.

<sup>16</sup> *Contra Acadêmicos* 3. X. 23. In: AGOSTINHO, 2019, p. 123.

<sup>17</sup> Fomos ajudados pela construção argumentativa de Pereira Júnior. In: PEREIRA JÚNIOR, 2012. p. 93.

<sup>18</sup> *Contra Acadêmicos* 3. XII. 29. In: AGOSTINHO, *op.*, *cit.* p. 129.

<sup>19</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XI. 24. In: *Ibid.* p. 124.

<sup>20</sup> MATTHEWS, 2007. p. 36.

Eu, porém, chamo mundo a tudo isso, o que quer que seja, que nos contém e sustenta, a tudo isso, digo, que aparece aos meus olhos e é por mim percebido como comportando terra e céu, ou o que parece terra e céu [...] Perguntarás: Também quando dormes o mundo é este que vês? Já disse que chamo mundo o que me aparece, seja o que for.<sup>21</sup>

Como falamos, atribui-se a Descartes o **problema do mundo externo** mas, como está demonstrado, foi com Agostinho que tal problema foi apresentado pela primeira vez. O problema foi que Descartes não dá para Agostinho os louros dessa descoberta, bem como os de outras. Segundo Matthews os comentadores:

Desde a própria época de Descartes até os dias de hoje têm se interessado pela questão de apurar a que idéias de Agostinho teria Descartes recorrido e, de um modo geral, em que medida Agostinho influenciou o pensamento de Descartes<sup>22</sup>

Após olharmos à genialidade de Agostinho sobre o problema do mundo externo, nos vem a seguinte indagação: Mas como chegar a uma certeza de que o mundo existe? Agostinho, em sua contestação contra Alipio, o qual no diálogo toma o partido dos cétricos, irá dizer que: “eu, porém, chamo mundo a tudo isso, o que quer que seja, que nos contém e sustenta, a tudo isso, digo, que aparece a meus olhos e é por mim percebido como comportando terra e céu, ou o que parece terra e céu”. E finaliza a sua argumentação acerca dos sentidos afirmando que “[...] Mas se negas que o que me parece é o mundo, trata-se de uma questão de palavras, pois eu disse que chamo mundo o que me parece”<sup>23</sup>.

Agostinho também irá abordar sobre verdades do campo da matemática. Podemos dizer que o que Agostinho vai propor verdades provenientes da matemática são conhecimentos *a priori*, ou seja, elas independem do sujeito para serem verdadeiras.

Certamente, no tocante as proposições matemáticas, elas expressam associações absolutas acerca das quais não podemos duvidar. Agostinho diz que “três vezes três é nove ou o quadrado destes números é necessariamente verdadeira, mesmo que ronque todo o gênero humano”<sup>24</sup>. E, finalmente, quanto aos sentidos, podemos dizer que as aparências podem até nos enganar no que se refere à sua natureza, mas não quanto à sua própria existência.

Em sua contestação contra Alipio, Agostinho diz “eu, porém, chamo mundo a tudo isso, o que quer que seja, que nos contém e sustenta, a tudo isso, digo, que aparece a meus olhos e é por mim percebido como comportando terra e céu, ou o que parece terra e céu”. E, finaliza a sua argumentação acerca dos sentidos afirmando que: “[...] Mas se negas que o que

<sup>21</sup> *Contra Acadêmicos*, 3.Xi. 24-25. In: Agostinho, 2019. p 124-125

<sup>22</sup> MATTHEWS, 2007, p. 59.

<sup>23</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XI. 24. In: AGOSTINHO, *op.*, cit. p. 124.

<sup>24</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XI. 25. *Ibid.* p. 125.

me parece é o mundo, trata-se de uma questão de palavras, pois eu disse que chamo mundo o que me parece”<sup>25</sup>.

A impressão que temos ao término da leitura do Livro *Contra Acadêmicos*, é a de que Agostinho não se sente ameaçado com os argumentos céticos contidos na Nova Academia. Pelo contrário, ele se sente bastante confortável em responder todos os argumentos do ceticismo aqui tratado. Uma das premissas dos acadêmicos era que os sentidos nos enganam, pois pode fazer com que aquilo que é falso se mostre para nós como verdadeiro. Ninguém, inclusive um cético poderá contestar que se alguma coisa parecer como verdadeiro para uma determinada pessoa, ainda que tal coisa não seja verdadeira, assim mesmo ninguém poderá contestar que tal coisa aparece para essa pessoa. Por exemplo, se percebemos uma fumaça bem longe e dizemos: “Fogo, fogo! e ao nos aproximarmos da fumaça, percebemos que era gelo seco. Todavia, embora tenhamos nos enganado achando que era fogo. Ninguém poderá contestar que algo (fumaça) aparece para nós. Repito ninguém poderá contestar o fenômeno que apareceu para nós. Retomando o que já expusemos acima, porém, de maneira mais sintética, retomaremos novamente o argumento de Agostinho criticando os Acadêmicos, o qual nos mostra algo bastante pertinente:

Nunca os vossos raciocínios puderam enfraquecer a força do testemunho dos sentidos a ponto de convencer-nos que nada nos aparece e jamais ousaste tentar fazê-lo. Mas empenhastes-vos em persuadir-nos que uma coisa pode ser diferente do parece. Eu, um porém, chamo mundo a tudo isso, o que quer que seja, que nos contém e sustenta, a tudo isso, digo, que aparece a meus olhos e é por mim percebido como comportando terra e céu. Se disseres que o que me aparece não é nada, nunca poderei errar [...] Dizeis, efetivamente, que o falso pode aparecer aos sentidos como verdadeiro, mas não negais o fato de aparecer.<sup>26</sup>

Acreditamos que, dificilmente, algum cético poderá contestar essa formulação agostiniana. Essa argumentação agostiniana, nós acreditamos, ainda é de grande utilidade para os dias contemporâneos. Mas ressaltamos que para refutar o ceticismo, Agostinho apresenta outros argumentos. Para os céticos, a fonte de todo o nosso conhecimento provém da percepção sensível. Todavia, nela não se poderia achar qualquer fundamento para certeza, já que os nossos sentidos nos oferecem dados muito variáveis e imperfeitos. Agostinho vai dizer que o erro não vem dos sentidos, mas dos juízos que fazemos acerca das sensações e não delas próprias. Assim sendo, esse procedimento argumentativo de Agostinho é bastante pertinente e bem construído e poderá ainda hoje ser de grande utilidade, e conseqüentemente

<sup>25</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XI. 24 In: AGOSTINHO, 2019, p. 124.

<sup>26</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XI. 24. *Ibid.* p. 124.

ser utilizado nos debates apologéticos atuais. Portanto, apresentaremos mais um argumento usado por Agostinho no combate contra o ceticismo.

Agostinho, no Livro *O Livre-arbítrio*, vai refutar a afirmação do cético de que “*não há Deus*” (Sl 53.1), e começa a investigar uma verdade que seja segura e evidente para então chegar a uma certeza maior – Deus. A Primeira verdade que Agostinho estabelece é que todo homem existe, vive e pensa. Em suas palavras dialogando com Evódio:

Ag. Assim pois, para partirmos de uma verdade evidente, eu te perguntaria, primeiramente, se existes. Ou, talvez, temas ser vítima de engano ao responder a essa questão? Todavia, não te poderias enganar de modo algum, se não existisses.

Ev. É melhor passares logo adiante, às demais questões.

Ag. Então, visto ser claro que existes – e disso não poderias ter certeza tão manifesta, caso não vivesses -, é também coisa clara que vives. Compreendes bem, que há aí duas realidades muito verdadeiras?

Ev. Compreendo-o perfeitamente.

Ag. Logo, é também manifesta terceira verdade, a saber, que tu entendes?

Ev. É claro.

Ag. Qual dessas três realidades (existir, viver e entender) parece a ti a mais excelente?

Ev. O entender.

Ag. Por que te parece assim?

Ev. Por serem três realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas. Porque, com efeito, o ser vivo por certo também existe, mas não se segue daí que entenda. Tal é, como penso, a vida dos animais. Por outro lado, o que existe não possui necessariamente a vida e a inteligência. Posso afirmar, por exemplo, que um cadáver existe. Ninguém, porém, dirá que vive. Ora, o que não vive, muito menos entende<sup>27</sup>.

A conclusão a que se chega, podemos ter à certeza de três verdades seguras e inquestionáveis: que ele existe, vive e pensa. E o pensar tem prioridade nessa ordem, pois é através do pensamento que o sujeito pensante sabe que vive, existe, pois, é inimaginável pensar sem viver e muito menos viver sem existir. Assim, Agostinho constrói uma teoria epistemológica que nos oferece certezas. Nenhum cético poderá contestar esse argumento. Posteriormente, ao escrever o Livro *A Trindade*, Agostinho retomará o tema do *Cogito*, e agora, mais maduro, dará um novo vigor ao tema. Nas palavras de Agostinho:

Quem, porém, pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida lembra-se do motivo de sua dúvida; se duvida, entende que duvida; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve

<sup>27</sup> AGOSTINHO, Santo. *O Livre-arbítrio*. 9. reimpressão. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2015. p. 80, 81.

consentir temerariamente. Ainda que duvide de outras coisas não deve duvidar de sua dúvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa.<sup>28</sup>

Agostinho está novamente e agora mais maduro atacando os céticos. Pois, logo à frente ele retoma o assunto e declara as seguintes palavras:

Assim, um filósofo cético da Nova-Academia não pode sequer objetar: “Talvez estejas dormindo sem o saber e vês em sonho o que julgas ver”. Pois, com efeito, quem não sabe que as visões dos que estão dormindo são muito semelhantes às dos que estão despertos? Mas todo que tem consciência clara de sua vida, não diz: “Sei que estou desperto”. Mas: “Sei que estou vivo. Posto que dormindo ou acordado, vive.”<sup>29</sup>

Essa conclusão é inescapável. Agostinho demonstra sua genialidade filosófica - argumentativa contra os céticos da Nova Academia. Portanto, diz Agostinho “nunca se pode enganar nem mentir, quem afirma saber que vive”<sup>30</sup>. Finalizamos assim essa parte e agora apresentaremos outro argumento conhecido por “Argumento da felicidade”. Embora haja quem não o considere como um argumento. Mas, acreditamos que seja.

#### 4.3. O ARGUMENTO DA FELICIDADE

Embora existam estudiosos que não acreditem que o argumento da felicidade seja estritamente falando uma refutação contra o ceticismo acadêmico, mas que tem por finalidade em estabelecer que o homem que busca a felicidade, ele deve ter certeza de que é perfeitamente possível alcançá-la. Seria um contrassenso procurar algo que temos certeza que nunca poderíamos encontrá-lo. Licêncio, expressando os postulados céticos, vai aqui afirmar que se a busca pela verdade, for conduzida da melhor maneira possível, isso pó si já será suficiente para que tal pessoa seja feliz. Licêncio que, conforme já demonstramos, toma partido da Academia e faz a seguinte declaração: “Mas justamente esta é a felicidade do homem: buscar perfeitamente a verdade [...] Por que, então, hesitaremos em afirmar que basta a busca da verdade para tornar o homem feliz?”<sup>31</sup>.

Para Agostinho, isso não outorga felicidade para um homem. Para Agostinho é possível sim que uma pessoa encontre a verdade. Por isso, ele combate os argumentos céticos acerca da impossibilidade à verdade. “Agora me basta”, diz Agostinho “não crer que o

<sup>28</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. 6. reimpressão. Tradução de Frei Agustino Belmonte. São Paulo, 2016. p. 328.

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 511.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> *Contra Acadêmicos*, 1. III, 10. In: AGOSTINHO, 2019, p. 52.

homem é incapaz de encontrar a verdade”<sup>32</sup>. Quão desesperador e insano seria para uma pessoa que diligentemente procura a verdade, mas que creia que a ela é impossível de ser encontrada. Que vida infeliz seria dessa pessoa. É isso que Agostinho quer demonstrar. A certeza de encontrar a verdade nos traria a verdadeira felicidade. Para ele, a contemplação da verdade era essencial para uma vida feliz.

“A contemplação da verdade é” para Agostinho, segundo Gilson, “a condição *sine qua non* da beatitude”<sup>33</sup>. Podemos dizer que, em Agostinho, a “beatitude é alegria, ela só pode ser uma alegria nascida da verdade [...] Pois, a menos que a verdade absoluta seja acessível ao homem, não há beatitude para ele”<sup>34</sup>. Não é simplesmente o meio que importa quando se trata da verdade, pois, Licêncio acreditava que bastava que a busca pela verdade se desse da melhor forma possível, embora não acreditasse na possibilidade de encontrá-la.

Agostinho vai mais além, Para ele, o meio é importante, ou seja, busca a verdade de maneira esforçada. Todavia, concomitantemente a essa tese, o principal é o fim – a certeza de termos acesso a verdade. Em um dado momento do debate, Agostinho pergunta a Licêncio “Julgais que podemos ser felizes mesmo sem ter encontrado a verdade”? Para essa pergunta, Licêncio não tem a menor dúvida em responder um sonoro sim, disse ele “desde que busquemos a verdade. Licêncio se utilizará de Cícero, tão admirado por Agostinho, para validar sua afirmação:

Quem ignora que ele afirmou enfaticamente que o homem não pode saber nada ao certo e que a única coisa que resta ao sábio é buscar diligentemente a verdade, pois se der seu assentimento às coisas incertas, ainda que talvez sejam verdadeiras, não pode estar livre de erro, o que para o sábio é uma falta máxima. Portanto, se, por um lado, devemos crer que o sábio é necessariamente feliz e, se por outro, só a procura da verdade constitui na sua perfeição o ofício da sabedoria, por que hesitaríamos em pensar que a felicidade da vida possa resultar da simples busca da verdade?<sup>35</sup>

Assessorado pela perscrutação de Pereira Júnior<sup>36</sup>, apresentaremos a articulação dos argumentos céticos e logo em seguida do de Agostinho. Argumento dos acadêmicos:

- (1) O homem sábio não pode ter acesso à verdade;
- (2) É possível ser feliz, mesmo não tendo acesso à verdade;
- (3) A felicidade consiste na procura incessante da verdade;
- (4) O sábio procura incessantemente a verdade;

<sup>32</sup> *Contra Acadêmicos*, 3. XX. 43. In: AGOSTINHO, 2019, p. 124.

<sup>33</sup> GILSON, 2007. p. 25.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>35</sup> *Contra Acadêmicos*, I,3,7. In: AGOSTINHO, *op.*, cit. p. 49.

<sup>36</sup> PEREIRA JÚNIOR, 2012. p. 84.



(5) Logo, o sábio é feliz.

A posição adotada por Agostinho é totalmente incompatível com a formulação acima descrita e que expressa bem às teses céticas. No mesmo percalço, demonstraremos abaixo a estrutura argumentativa de Agostinho:

- (1) O homem pode ter acesso à verdade;
- (2) A felicidade somente é possível quando o homem tem a posse da verdade;
- (3) Se o sábio não pode ter acesso à verdade, logo;
- (4) O sábio não pode ser feliz.

Assim, fica mais claro percebermos que, para Agostinho, o ceticismo se mostra incoerente, pois, não basta tão somente dizer que é sábio, pois procura diligentemente à verdade e, de maneira concomitante negar que seja possível ter acesso à verdade. Lembrando que o pano de fundo dessas formulações agostiniana é que ele teve acesso à verdade revelada por Deus em Cristo Jesus. No Livro as *Confissões* Agostinho declara que:

A vida feliz é a alegria que provém da Verdade. Tal é a que brota de Vós, ó Deus, que sois a minha luz, a felicidade do meu rosto e o meu Deus todos desejam esta vida feliz. Oh! Todos querem esta vida, que é a única feliz; sim todos querem a alegria que provém da Verdade.<sup>37</sup>

Para Agostinho, a verdade era uma pessoa – Jesus Cristo, talvez esse seja também um dos motivos que levou Agostinho a se empenhar com tanto vigor e em vários de seus livros oferecer argumentos contra o ceticismo. O que estava em jogo não era simplesmente abstrações filosóficas, mas o próprio cerne da fé de Agostinho. Nas *Confissões*, ele diz que procurava “um meio que me desse forças para gozar de ti, mas não o encontraria, enquanto não aderisse ‘ao mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus’”. Sendo Ele o Deus bendito pelas eras vindouras, Agostinho conclui dizendo que Jesus “chama e diz: ‘eu sou o caminho, a verdade e a vida’”<sup>38</sup>. E, portanto, é para Cristo que Agostinho ora, pois, Cristo que é “o poder e a sabedoria do Deus altíssimo. Pois não é esta que os mistérios nos apresentam como Filho de Deus?”<sup>39</sup>. Nesse trecho do *Contra Acadêmicos*, Agostinho faz alusão ao texto da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios 1.24, que diz que “Cristo é a sabedoria de Deus”. Concluimos aqui dizendo que para sermos sábios e felizes há somente uma possibilidade: Cremos em Jesus Cristo como Salvador.

<sup>37</sup> AGOSTINHO, 2004, p. 282.

<sup>38</sup> Confissões, VII,18,24. In: AGOSTINHO, *Confissões*. 2016, p. 196-197.

<sup>39</sup> *Contra Academicos*, II,1,1.. In: AGOSTINHO, 2019, p. 70.

Nossa intenção não foi de abranger todos os argumentos, pois isso demandaria um trabalho por demais extenso. Porém, os exemplos dados aqui têm como finalidade auxiliar e direcionar o apologista a ter conhecimento necessário para quando for abordado ou abordar alguém cético leve em consideração as informações aqui abordadas.

Aqui, no final, seria de bom tom encorajar novos estudos na área, aperfeiçoando a tarefa de expansão do Evangelho de Cristo, tendo esse trabalho apenas como pontapé.

## CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi abordado, apresentamos as seguintes conclusões. Percebemos que as críticas agostinianas ao ceticismo, conforme essas estão pontuadas na obra *Contra Acadêmicos* foram tão robustas que ele conseguiu frear o avanço do ceticismo, sendo esse só retornando na Idade Média. No primeiro capítulo, caracterizamos em que consiste o ceticismo vigente à época de Agostinho. Isso era de fundamental importância, para entendermos o contexto em que se insere a obra *Contra Acadêmicos*.

O segundo capítulo visou apresentar a estrutura literária da obra *Contra Acadêmicos*. Acreditamos que isso seja importante para nos municiar para melhor entendermos o capítulo três. Esse teve como objetivo pontuar os argumentos agostinianos contra o ceticismo no *Contra Acadêmicos*.

Ressaltamos, porém, que, embora ainda haja dele na atualidade, todavia, desde a modernidade, o ceticismo tem reaparecido com novos argumentos, bem como a partir da divulgação do ceticismo empírico de Menodoto, Teodas e Sexto empírico, o desafio continua. E, agora urge extraímos das respostas de Agostinho conhecimento para responder o tipo de ceticismo que ele atacou e que continua vivo ainda hoje. Mas, não só isso, pois, o ceticismo ressurge também com novas formulações. Portanto, acreditamos que embora os argumentos formulados por Agostinho possam ser utilizados, todavia, já não são tão eficientes como fora em seu tempo.

Aqui, portanto, surge a necessidade dos novos apologistas se esmerarem para formular argumentos bíblicamente orientados, a partir de uma cosmovisão bíblica e de uma apologética factual, e assim formular novos argumentos que atendam a demanda da exigência dos postulados céticos quanto a possibilidade de se obter o conhecimento, ou de encontrar a verdade. Esperamos ter alcançando esses objetivos, principalmente ter contribuído para uma apresentação menos complexa, porém, fiel aos argumentos agostinianos contra o ceticismo, pois esse é o papel do estudante de filosofia (ou um apologista) fazer com que uma complexidade do sistema de dado filósofo torne-se acessível para os menos treinados em filosofia, mas tudo isso sempre primando pelo rigor acadêmico

Se compreendermos bem o embate de Agostinho contra o ceticismo, ou seja, se conseguirmos esboçar toda linha de argumentação de Agostinho contra o ceticismo acadêmico, poderemos nos utilizar das suas formulações e usá-las com as devidas atualizações e cautelas contra o ceticismo atual. Embora, como falamos, haja diferenças, mas

há um núcleo comum. Logo, os argumentos de Agostinho poderão ser de grande ajuda e relevância para a atualidade.

Muito mais poderia ser dito sobre o que aqui foi abordado. Esperamos que outros o façam; porém, a limitação se fez necessária, para não tornar o trabalho muito extenso. Mas, o que foi exposto serve de alerta os pastores e apologistas da atualidade, em que pesa sobre nós tamanha responsabilidade de não negligenciarmos uma epistemologia bíblicamente orientada, a qual sempre nos dará acesso ao conhecimento das coisas. E, essa epistemologia está imbricada na revelação quer seja existencial, situacional ou normativa.

Ora, o desafio está lançado. Então, vamos resgatar uma Epistemologia Bíblica!

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes: São Paulo, 2003
- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus: contra os pagãos**. 5. ed. Tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2016. v. 2.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. **A Vida Feliz**. 2. ed. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira dos Santos. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 7. reimpressão. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2016.
- AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos**. 3. reimpressão. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019.
- AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. **A Ordem**. 3. reimpressão. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019b.
- Agostinho. Santo. **Retratações**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019a.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO. 2012.
- BAVINCK, Herman. **A Filosofia da Revelação**. Brasília: Monergismo, 2019.
- Berthoud, Jean-Marc. Prefácio à edição brasileira. *In*: RUSHDOONY, R.J. **Rejeição à humanidade: Os efeitos do neoplatonismo no Cristianismo**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 6. ed. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOLZANI FILHO, Roberto. **Acadêmicos versus Pirrônicos**. São Paulo: Alameda, 2013.
- BROCHAD, Victor. **Os cétricos gregos**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. 2. ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BURNYEAT, Myles. Pode o cético viver seu ceticismo? **Trilhas Filosóficas**, Rio Grande do Norte, Ano II – n. 2 - jul/dez. p. 124, 2009. Fonte: [https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N\\_04/II\\_2\\_trad\\_Brito.pdf](https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_04/II_2_trad_Brito.pdf). Acesso em: 04/08/2022.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XV, 1973).

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CRAMPTON, Gary W; BACON, Richard E. **Em direção a uma Cosmvisão Cristã**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto Brasília: Monergismo, 2009. p. 46.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XV, 1973).

FRAME, John. **A Doutrina do Conhecimento de Deus**. São Paulo Cultura Cristã, 2010.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros. São Paulo: Paulus, 2007.

GRECO, John; SOSA, Ernest. **Compêndio de Epistemologia**. 2. ed. Tradução de Alessandra Siedschlag Fernandes; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008.

GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: UNESP, 2004.

JOLIVET, Regis. **Curso de Filosofia**. 17. ed. Tradução de Eduardo Prado Mendonça. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1998.

KENNY, Anthony. **Uma Nova História da Filosofia Ocidental**. Vol. 1. Filosofia Antiga. 2.ed. São Paulo: Loyola. 2011.

KENNY, Anthony. **Filosofia Medieval**. Vol II. 2. ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2012.

KURY, Mario da Gama. Introdução, *in*: LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

LANDESMAN, Charles. **Ceticismo**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2006.

- LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 2008.
- MACHEN, J. Gresham. **Cristianismo e Liberalismo**. Tradução de Denise Pereira Meister. São Paulo: Os Puritanos, 2001.
- MARCONDES, Danilo. **Raízes da dúvida: ceticismo e filosofia moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- MATTHEUS, Gareth B. **Santo Agostinho: a vida e idéias de um filósofo adiante de seu tempo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MECONI, David Vicent; STUMP, Eleonore (org). **Agostinho**. Tradução de Jaime Clasen. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.
- MONDOLFO, Rodolfo. **O pensamento antigo: história da filosofia grego-romana**. 2. ed. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1967.
- MORELAND, J. P; CRAIG, William Lane. **Filosofia e Cosmovisão Cristã**. Tradução de Emirson Justino *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2005.
- MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística**. 2. ed. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013.
- NASH, Ronald. **Questões últimas da vida: uma introdução à filosofia**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã. 2008.
- OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **João Calvino; Santo Agostinho: Sobre o conhecimento de Deus e o autoconhecimento**. São Paulo: Fonte Editorial. 2018.
- PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento, Sofistas (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)**. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2007.
- PEREIRA, Oswaldo Porchat. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Unesp, 2007.
- PEREIRA JUNIOR, Antônio. **Agostinho e o ceticismo: Um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em *Contra Acadêmicos***. 2012. 116. f. Dissertação(mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e obra. In: Agostinho. Confissões**. Tradução de J. Oliveira dos Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 13.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento, Sofistas (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)** Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2007.
- POLANYI, Michael. **A Lógica da Liberdade**. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro. Topbooks, 2003.

- POLANYI, Michael. **Conhecimento pessoal: Por uma filosofia pós-crítica.** Tradução de Eduardo Beira. Inovatec: Portugal, 2013.
- POPKIN, Richard H. **História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza.** Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.
- REALE, Giovanni. ANTISERE, Dario. **História da filosofia: Antigüidade e idade Média.** 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002. V.1.
- RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do Apóstolo Paulo.** Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- SEXTO EMPÍRICO. **Hipotíposes pirrônicas.** Disponível em:<<https://ufrj.academia.edu/RodrigoPintodeBrito>>. Acesso em: 12 de Nov. 2021.
- SMITH. Plínio Junqueira. **Ceticismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (passo a passo).
- W. Gary Crampton; D. Richard E. Bacon. **Em direção a uma Cosmvisão Cristã.** Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília: Monergismo, 2009.
- WITTGENSTEIN. Ludwig. **Tractatus Lógico-philosophicus.** 3. ed. Trad., apres., e ensaio introd, de Luiz Henrique Lopes dos Santos; e introd. de Bertrand Russell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.